



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

ANA CRISTINA DA SILVA DE PAULA

ARQUIVO LIMA BARRETO: um arquivo pessoal na Biblioteca
Nacional

RIO DE JANEIRO
2017

ANA CRISTINA DA SILVA DE PAULA

ARQUIVO LIMA BARRETO: um arquivo pessoal na Biblioteca
Nacional

Trabalho de conclusão de cursos apresentado à Escola
de Arquivologia, como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel em Arquivologia.
Orientadora: Profa. Me. Patrícia Ladeira Penna Macêdo

RIO DE JANEIRO
2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UNIRIO

P324	Paula, Ana Cristina da Silva de Arquivo Lima Barreto: um arquivo pessoal na Biblioteca Nacional / Ana Cristina da Silva de Paula. -- Rio de Janeiro, 2017. 60 f. Orientadora: Patrícia Ladeira Penna Macêdo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Arquivologia, 2017. 1. Arquivos Pessoais. 2. Arquivos Pessoais em Bibliotecas. 3. Lima Barreto. I. Ladeira Penna Macêdo, Patrícia, orient. II. Título.
------	--

ANA CRISTINA DA SILVA DE PAULA

**ARQUIVO LIMA BARRETO: um arquivo pessoal na Biblioteca
Nacional**

Trabalho de conclusão de cursos apresentado à Escola
de Arquivologia, como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Professora Patrícia Ladeira Penna Macêdo

Professora Rosale de Mattos Souza

Professor Bruno Ferreira Leite

A Davi e Beatriz, com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me dar o dom da vida e me ajudar a realizar mais esta conquista.

Ao meu querido esposo Davi e à minha linda filha Beatriz, por terem me apoiado nestes anos de graduação, mesmo sentido a minha falta. Essa vitória também é de vocês.

À minha orientadora Patrícia Ladeira Penna Macêdo por acreditar no meu trabalho e me ajudar a colocá-lo na direção certa.

Aos professores Rosale de Mattos Souza e Bruno Ferreira Leite por aceitarem ler e avaliar este trabalho.

A todos os meus colegas de faculdade, em especial, as minhas amigas Raquel Silva, Maria Arminda e Tainá Mayari. Vocês estarão para sempre em meu coração.

Aos meus colegas de trabalho da Divisão de Publicações Seriadadas da Biblioteca Nacional, particularmente à minha chefe Carla, que sempre me incentivou a crescer.

A Luciane Simões Medeiros e a todos os servidores da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, por concederem informações preciosas para esta pesquisa.

A todos os meus amigos, principalmente a Vanessa e Roni, que torcem por mim e fazem a minha vida mais alegre.

De coração: muito obrigada!

RESUMO

O estudo dos arquivos pessoais pode ser considerado como um tema bastante profícuo dentro da Arquivologia. Desta forma, o presente trabalho se propôs a analisar o arquivo pessoal do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira. Tal estudo objetivou compreender como se deu a organização deste acervo, que é custodiado pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O fato deste arquivo estar depositado em uma biblioteca, trouxe várias problemáticas exploradas neste trabalho, como a análise do tratamento técnico dado a este acervo. Neste percurso, foram examinados e utilizados diversos textos sobre arquivos pessoais, realizadas pesquisas a base de dados da FBN e ao próprio arquivo Lima. Como resultado, identificaram-se problemas na organização intelectual presente no catálogo deste arquivo, já que esta não reflete as funções e atividades de seu produtor. Porém, verificou-se também que há uma aproximação com os critérios de descrição arquivística na elaboração do manuscrito- guia disponível na base de dados da FBN. Deste modo, considera-se que este trabalho contribui para a expansão das pesquisas no campo arquivístico, especialmente no que se refere aos arquivos pessoais.

Palavras-chave: Arquivos Pessoais. Arquivos Pessoais em Bibliotecas. Lima Barreto.

ABSTRACT

The study of personal archives can be considered as a very fruitful subject within Archivology. In this way, the present work has proposed to analyze the personal archive of the Carioca writer Afonso Henriques de Lima Barreto, considered one of the greatest writers of Brazilian literature. This study aimed to understand how the organization of this collection was given, which is guarded by the National Library Foundation (FBN). The fact that this archive was deposited in a library, brought several problems explored in this work, as the analysis of the technical treatment given to this collection. In this course, several texts on personal archives were examined and used, searching the database of FBN and the Lima file itself. As a result, problems were identified in the intellectual organization present in the catalog of this archive, since this does not reflect the functions and activities of its producer. However, it has also been found that there is an approximation with the criteria of archival description in the preparation of the manuscript-guide available in the FBN database. Thus, it is considered that this work contributes to the expansion of research in the archival field, especially with regard to personal archives.

Keywords: Personal Archives. Personal Archives in Libraries. Lima Barreto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A TRAJETÓRIA DOS ARQUIVOS PESSOAIS	17
2.1 OS ARQUIVOS PESSOAIS NA ARQUIVOLOGIA	17
2.2 ARQUIVOS PESSOAIS EM BIBLIOTECAS	19
2.3 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS NOS ARQUIVOS PESSOAIS	22
3 UM LITERATO E SEU ARQUIVO	26
3.1 A TRAJETÓRIA DO ESCRITOR CARIOCA	26
3.2 O ARQUIVO DO ESCRITOR	29
3.3 A DIVISÃO DE MANUSCRITOS DA FBN	32
4 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ARQUIVO LIMA BARRETO	35
4.1 HISTÓRICO DA DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS NA FBN	35
4.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	40
4.2.1 O catálogo.....	40
4.2.2 O manuscrito-guia	45
4.3 O CONTEXTO ARQUIVÍSTICO NOS ARQUIVOS PESSOAIS E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA ANALISADOS	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Retrato do Lima Barreto	26
Figura 2 – Ficha catalográfica do arquivo Lima Barreto	36
Figura 3- Ficha Padrão de Descrição de Documentos – primeira lauda	37
Figura 4- Ficha Padrão de Descrição de Documentos – segunda lauda	38
Figura 5 – Sophia Biblioteca – gerenciador	39
Figura 6 – Sumário do catálogo do arquivo Lima Barreto	42
Figura 7 – Página 9 dos ABN (primeira página do catálogo do arquivo Lima Barreto)	43
Figura 8 – Manuscrito – guia da coleção Lima Barreto	46
Figura 9 – Aba MARC Tags da coleção Lima Barreto	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2 - Anglo-American Cataloguing Rules -2nd edition.

BGUC - Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

IAC -InternationalAdvisoryCommittee (Comitê Consultivo Internacional)

ISAD(G) - General International Standard Archival Description

ITA- Instituto Tecnológico de Aeronáutica

NOBRADE - Norma Brasileira de Descrição Arquivística

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unicamp – Universidade de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

1 INTRODUÇÃO

Os arquivos podem ser definidos como testemunho da experiência humana. Após o surgimento da escrita, as sociedades ao longo do tempo foram acumulando mais informações registradas em diversos tipos de suporte. Segundo Philippe Ariès (1998, p. 12-13), nas sociedades ocidentais desde o fim do século XVIII, o poder da escrita que vem se estendendo sobre o conjunto do cotidiano gradativamente, de forma que “para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias”, pois “sem esses documentos, somos imediatamente excluídos”.

O arquivo de uma instituição, assim como o arquivo de uma pessoa serve para guardar informações sobre suas atividades e funções. Considerando isso, os arquivos e a memória vivem uma estreita relação. Para Siqueira (2012, p. 119) os arquivos têm um caráter inegável de lugar de memória e cidadania. Por isso, pensar os arquivos enquanto representantes da memória faz parte do trabalho arquivístico.

Dentre as várias definições de arquivo, destaca-se a do arquivista italiano Eugenio Casanova que afirma serem estes “a acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais, pela referida instituição ou pessoa” (CASANOVA *apud* SCHELLENBERG, 2006, p. 37). Vale ressaltar que esta foi a primeira vez em que os arquivos pessoais foram considerados parte integrante do campo arquivístico, já que até então estes estavam delegados às bibliotecas.

Tendo em vista esse contexto, o presente trabalho tem como objeto de estudo o arquivo pessoal do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, localizado na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Tal acervo foi reconhecido em outubro de 2017 como *Memória do Mundo*, programa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)¹. O registro do *Memória do Mundo* nomeia acervos como patrimônio documental mundial, que são recomendados pelo Comitê Consultivo Internacional (International Advisory Committee – IAC) e endossados pela diretoria-geral da UNESCO. Este

¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/acervo-de-lima-barreto-vira-memoria-do-mundo-da-unesco-22004878>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

programa reconhece acervos que representam a “evolução do pensamento, dos descobrimentos e das realizações da sociedade humana”².

O agora reconhecido internacionalmente arquivo Lima Barreto, é custodiado pela FBN, órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país. É a mais antiga instituição cultural brasileira com mais de 200 anos de história. Atualmente seu acervo conta com cerca de 9 milhões de itens, e é considerada pela UNESCO como uma das principais bibliotecas nacionais do mundo. Seu acervo cresce constantemente a partir da lei do depósito legal (que assegura o registro e a guarda da produção intelectual nacional), além de aquisições e doações. Tais doações podem ser tanto de pessoa física quanto jurídica³.

O titular do acervo analisado, Lima Barreto, foi romancista, contista, cronista e jornalista, sendo considerado por muitos estudiosos um dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Viveu entre 1881 e 1922 na cidade do Rio de Janeiro, capital brasileira de então, vivenciando um período de grandes mudanças na estrutura sócio-política do Brasil: Abolição, proclamação da República, reformas urbanas, dentre outros acontecimentos. O autor testemunhou e registrou suas impressões sobre o contexto brasileiro de sua época, tornando-se um dos mais ferozes críticos da Primeira República.

O arquivo do escritor possui 1134 itens documentais (muitos estão digitalizados e disponíveis no site da FBN) dentre correspondências, originais de romances, contos, crônicas, peças de teatro, anotações, recortes de jornais do titular, sendo muito estudado por pesquisadores de áreas como Letras, História e Ciências Sociais. Os manuscritos, desorganizados, após sucessivas mudanças, ficaram sob a guarda de sua irmã Evangelina de Lima Barreto e foram encontrados e analisados por Francisco de Assis Barbosa, futuro biógrafo de Lima Barreto. Barbosa sugeriu a Rubens Borba de Moraes, então diretor da Biblioteca Nacional, a aquisição do arquivo de Lima Barreto, o que foi feito após avaliação em 1947. Darcy Damasceno, que foi chefe da divisão de Manuscritos, organizou um catálogo do arquivo publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* de 1985⁴.

²Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/documentary-heritage/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

³Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/apresentacao>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

⁴Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html >. Acesso em: 23 nov. 2017.

Nesse sentido, o presente trabalho visa entender e analisar o tratamento documental desenvolvido pela FBN em relação ao acervo de Lima Barreto. A incorporação de arquivos privados em bibliotecas públicas faz parte de uma tradição latina, sendo que tais acervos comumente receberam um tratamento bibliográfico (FILIPE, 2015, p. 10). Considerando isso, o arquivo de Lima Barreto foi organizado por critérios não arquivísticos. Desta forma, constitui-se uma problemática: a organização (arranjo) deste arquivo representa as atividades do produtor de maneira coerente e compreensível para os seus usuários? Quais critérios foram utilizados na organização desse acervo? Em que sentido a biblioteca atende ao respeito aos fundos e a organicidade desse arquivo?

Tanto arquivos quanto bibliotecas têm como objetivo prestar informações a sociedade ou a uma organização. No entanto, o tipo de informação e o tratamento a ela conferido, serão diferentes nestas duas instituições. A informação bibliográfica advém do trabalho intelectual de uma pessoa ou organização, que pode ser representada através de registros que identifiquem suas principais características, seja de forma ou conteúdo. Já a informação arquivística está inserida em um contexto administrativo de uma entidade coletiva ou de vida de uma pessoa ou família, e precisa ser tratada considerando-se as relações orgânicas presentes entre os documentos constituintes de um arquivo (SANTA ANNA; CAMPOS; CALMON, 2015, p. 97-98).

A autora Ana Maria de Almeida Camargo (2009, p. 30-31) aprofunda a questão do tratamento dado à informação ao frisar que há uma forte e equivocada presença da biblioteconomia no desenvolvimento de normas de descrição para arquivos. Segundo ela, os documentos de arquivos pessoais submetidos a uma abordagem bibliográfica são tratados individualmente, sendo encaixados em regras universais de referência (autor, título, assunto, etc.). Tal tratamento acaba por comprometer a organicidade do arquivo, já que não considera as relações dos documentos entre si. Considerando isto, este trabalho aborda o tratamento de um arquivo pessoal dentro de uma biblioteca, oferecendo uma contribuição à Arquivologia no que tange os arquivos pessoais.

Desta forma, objetiva-se analisar a organização do arquivo pessoal de Lima Barreto com vistas a realizar um diálogo interdisciplinar no que diz respeito ao tratamento de arquivos pessoais. Para alcançar tal objetivo é necessário compreender o tratamento técnico dado a este acervo custodiado por uma

biblioteca, assim como destacar as especificidades próprias dessa forma de organização. Com isso, é possível oferecer subsídios para o tratamento de arquivos pessoais.

No desenvolvimento desta pesquisa foram adotados como procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre os arquivos pessoais e arranjo em arquivos pessoais, pesquisa na base de dados da FBN e no próprio arquivo Lima Barreto, assim como visitas e conversas com os servidores da Divisão de Manuscritos da FBN e análise dos instrumentos de pesquisa disponíveis para este acervo.

O levantamento bibliográfico foi importante no sentido de dar base teórica, já que os autores escolhidos desenvolveram pesquisas na área de arquivos pessoais que contribuíram para este trabalho acadêmico.

A pesquisa na base de dados foi feita remotamente, pois esta se encontra disponível no site da FBN. Além disso, foram feitas visitas presenciais à instituição com fins de pesquisa ao arquivo do escritor, visto que há documentos desse acervo que ainda não estão digitalizados. Esses dois procedimentos metodológicos permitiram um conhecimento maior do arquivo Lima Barreto.

Como servidora da Divisão de Publicações Seriadas da FBN, estive em constante acesso com os funcionários da Divisão de Manuscritos, conversando sobre o acervo e sobre o meu trabalho de pesquisa para a graduação. O curso promovido pela Divisão de Manuscritos e organizado pelo Diretório Acadêmico de Arquivologia José Pedro Esposel (DACAR) da UNIRIO, intitulado “Intercessões ente Arquivo e Biblioteca”, ocorrido em 18 de outubro de 2017, foi de imensa valia para este trabalho de conclusão de curso, pois abordou diversos aspectos relevantes no tratamento dado à documentação presente nesta divisão.

O embasamento teórico do trabalho abarca pesquisas como a da professora Ana Maria de Almeida Camargo. O estudo que Camargo vem desenvolvendo ao longo dos anos tornou-se fundamental para a compreensão do que são arquivos pessoais. Camargo defende que os arquivos pessoais devem ser considerados como arquivos, ou seja, devem ser tratados a partir da teoria e metodologia arquivísticas. A autora se preocupa em apontar conceitos próprios da arquivística no

tratamento dos arquivos pessoais como o respeito à *proveniência*⁵ e a primazia do contexto sobre o conteúdo, ou do valor probatório sobre o valor informativo (CAMARGO, 2009, p. 28).

Abordando o *princípio da proveniência*, Camargo diferencia a estabilidade proporcionada pela abordagem contextual dos documentos dos pequenos resultados obtidos de um tratamento focado no conteúdo. No ambiente dos arquivos pessoais, por exemplo, as cartas pessoais podem nos dar maiores detalhes sobre a vida de um indivíduo, mas tais informações só serão corretamente interpretadas se consideradas as relações e interações vividas por esse indivíduo (CAMARGO, 2009, p. 34). Deste modo, os arquivos de pessoas, conforme designação de preferência da própria autora, devem ser tratados como arquivos, isto é, devem ligar-se ao contexto em que foram produzidos, do contrário, perder-se-á a sua função probatória original, prejudicando todo o trabalho do pesquisador (CAMARGO, 2009, p. 36-37).

A historiadora Luciana Heymann escreve sobre as especificidades dos arquivos pessoais e de como a contextualização destes é construída de forma diferente dos arquivos institucionais. Para ela, os conjuntos documentais de natureza pessoal ocupam um lugar secundário nos debates metodológicos da Arquivologia (HEYMANN, 2009b, p. 43-44).

Sobre a estrutura deste trabalho de conclusão de curso, foram elaboradas três seções. Na primeira seção foi analisado o lugar dos arquivos pessoais na Arquivologia, seus avanços teórico-metodológicos, a presença de arquivos pessoais em bibliotecas e as perspectivas teóricas nos arquivos pessoais. Na segunda seção, foi feita uma breve biografia do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, a apresentação do histórico da custódia de seu acervo e um relato sobre a Divisão de Manuscritos da FBN. O desenvolvimento da descrição de documentos nesta divisão abre a terceira seção, que também apresentou e analisou os instrumentos de pesquisa do arquivo Lima Barreto, fazendo apontamentos sobre a organização do arquivo pessoal do escritor a partir da perspectiva arquivística. O último ponto desta seção destacou a importância do contexto arquivístico para os arquivos pessoais, apontando possíveis equívocos na organização do arquivo Lima Barreto, mas

⁵ Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 136).

também frisando o papel relevante da Biblioteca Nacional ao custodiar e dar acesso a este e outros arquivos de pessoas.

2 A TRAJETÓRIA DOS ARQUIVOS PESSOAIS

Segundo Oliveira (2010, p. 35) arquivos pessoais constituem-se em “um conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social”.

No entanto, antes de tudo, é preciso frisar que a Arquivologia surgiu para suprir a necessidade de organizar documentos produzidos pelos Estados em decorrência de suas funções e atividades jurídico- administrativas. Por isso, os documentos produzidos e acumulados por pessoas físicas por muito tempo não possuíam uma definição específica (BRANDO; MEREGE, 2009, p. 60).

Tendo em vista este cenário, é necessário compreender como os arquivos pessoais passaram a ter um destaque maior dentro da Arquivologia, tanto no contexto internacional e quanto no brasileiro. Uma pequena explanação das bibliotecas como guardiãs de arquivos pessoais também será assunto examinado nesta seção. Por último, serão abordadas quais são as perspectivas teóricas presentes no debate sobre arquivos pessoais.

2.1 OS ARQUIVOS PESSOAIS NA ARQUIVOLOGIA

De certa forma, os arquivos pessoais não eram considerados acervos próprios para os arquivos públicos. No clássico *Manual dos Arquivistas Holandeses* (publicado pela primeira vez em 1898), considerado por muitos como o primeiro manual arquivístico, os arquivos privados nem mesmo eram considerados arquivos: “em quase todos os arquivos-gerais de depósito,... encontram-se também manuscritos privados. Como não são, porém, documentos de arquivo, não se incluem nas diversas categorias e é conveniente removê-los do arquivo” (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973, p.20).

Além disso, esse mesmo manual sugere que *manuscritos e documentos formais privados* deveriam estar em bibliotecas e não em arquivos (p. 119). Nessa concepção os arquivos pessoais (ou privados) eram considerados papéis avulsos, deixando-se de perceber o seu caráter orgânico, fruto da acumulação documental de um indivíduo.

O mesmo enfoque que privilegiou os arquivos governamentais permaneceu nos escritos de Hilary Jenkinson (HOBBS, 2016, p. 305). Segundo Jorge Phelipe

Lira de Abreu (2017, p. 24) “a natureza do documento arquivístico para Jenkinson é administrativa ou executiva”, apesar de considerar os documentos de natureza privada. Porém, Jenkinson ainda não visualiza a natureza orgânica dos arquivos pessoais.

Segundo Fraiz (1998, p. 61) os arquivos pessoais começaram a ser abordados como parte do campo arquivístico mais propriamente com a perspectiva do italiano Eugenio Casanova que, em 1928, definia arquivo como “a acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais, pela referida instituição ou pessoa” (CASANOVA *apud* SCHELLENBERG, 2006, p.37).

No entanto, os documentos produzidos por pessoas ou famílias em âmbito particular, por muito tempo, não eram concebidos como um fundo arquivístico nos Estados Unidos, nem mesmo eram chamados de “arquivo”, mas sim de coleções, sendo que os documentos privados pessoais formavam coleções de manuscritos. (BRANDO; MEREGE, 2009, p. 63). Embora Schellenberg afirmasse que os papéis privados produzidos por uma pessoa deveriam ser organizados de acordo com suas múltiplas atividades e funções (FRAIZ, p. 62), para Abreu (2017, p. 25) o autor norte-americano condiciona a produção desses arquivos ao exercício de encargos legais ou de atividades.

De maneira diferente dos Estados Unidos, na França os arquivos pessoais têm sido objeto de preocupação pelo menos desde 1949, quando foi criada uma série específica para os arquivos privados. O destaque dado pela História aos arquivos privados, também comprova a importância destes para os franceses. É interessante notar que foi a visão francesa dos arquivos privados que predominou e ainda hoje predomina no Brasil (BRANDO; MEREGE, 2009, p. 62).

É justamente na França que, a partir da década de 1970, iniciou-se um importante movimento no campo historiográfico no que tange à história cultural, em que novos objetos e fontes de pesquisa passaram a ser vislumbrados pelos historiadores, juntamente com o surgimento de novas metodologias e de uma profunda renovação teórica. Desta forma, os arquivos pessoais tornam-se alvo do interesse de diversos historiadores interessados na "experiência" dos homens em seu tempo e lugar, o que modificou a sua escala de trabalho, associada à micro-história (GOMES, 1998, p. 122-123).

O Brasil do final dos anos de 1970 também foi impactado por essas transformações nas perspectivas historiográficas. Sobretudo, porque o cenário político de redemocratização impulsionou pesquisas históricas em que foram valorizadas as (re) construções de memórias individuais e coletivas. Nesse contexto, os arquivos pessoais ganham um novo *status* como legítimas fontes de informações e, além disso, surgem diversas instituições interessadas em recolher, preservar e dar acesso a arquivos pessoais (CRIVELLI; BIZELLO, 2015, p.3).

Nessa conjuntura, vale a pena destacar o papel do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas), criado em 1973 com o objetivo de ser um centro de documentação e pesquisa que abrigasse arquivos de homens públicos de destacada atuação na chamada *Era Vargas* (HEYMANN, 2008, p.1). Com o passar do tempo, diversos arquivos foram sendo recolhidos ao CPDOC, motivando uma série de discussões técnicas cuja finalidade central era a metodologia da organização de arquivos pessoais. Esses debates engendraram a publicação de trabalhos de pesquisa nessa área nas décadas de 1980 e 1990 (HEYMANN, 2008, p.2). Em 1997 realizou-se no Rio de Janeiro, o *Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais* que objetivava analisar as especificidades desses acervos dentro de uma perspectiva interdisciplinar. As reflexões feitas nesse seminário deram origem, em 1998, a um número comemorativo da revista *Estudos Histórico* pelos 25 anos do CPDOC. Esse número, cujo tema era “Arquivos pessoais”, é considerado pelo historiador Benito Schmidt (2014, p. 453) um marco para o estudo deste tipo de acervo no Brasil, já que a publicação propunha como os dois principais eixos de seus artigos a forma como os arquivos pessoais constituíam uma “produção de si” dos seus titulares e o estatuto de tais acervos no campo arquivístico. Dentre pesquisadores que escreveram artigos neste número da *Estudos Históricas*, destacam-se Priscila Fraiz, Heloísa Liberalli Bellotto e Ana Maria de Almeida Camargo, nomes importantes para a pesquisa sobre arquivos pessoais no Brasil.

2.2 ARQUIVOS PESSOAIS EM BIBLIOTECAS

O objeto de estudo desse trabalho, o arquivo do escritor Lima Barreto, tem como especificidade o fato de ser custodiado por uma biblioteca (Fundação

Biblioteca Nacional), assim como diversos outros arquivos privados. Desta forma, é necessário fazer uma análise de como esses acervos são tratados em uma instituição que não é um arquivo.

Conforme a afirmação de Hobbs (2016, p. 304):

A tradição do manuscrito histórico surgiu a partir das práticas novecentistas que dominaram a fase inicial do recolhimento e da preservação de arquivos pessoais em instituições dos países anglófonos. Tomando emprestadas as práticas das bibliotecas, curadores passaram a recolher documentos com ênfase em sua raridade, no seu valor cultural e histórico como objetos diferenciados, por seu valor financeiro ou valor estético ou por valor informativo para historiadores e pela possibilidade de suplementarem fundos já existentes.

Ainda citando Hobbs (2016, p. 304-305), esses manuscritos eram organizados mediante classificações temáticas, sendo descritos em seus detalhes. Muitas coleções de manuscritos tornaram-se parte de coleções especiais de bibliotecas, assim como as de livros raros.

A portuguesa Cláudia Isabel Fernandes Filipe (2015, p. 2) em sua dissertação de mestrado buscou analisar os arquivos privados existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra considerando desde o ingresso desses arquivos na referida instituição, até as diferenças entre as descrições bibliográfica e arquivística. Filipe (2015, p.10) pontua que muitos desses arquivos privados foram doados pelos próprios titulares ou pelos seus herdeiros por motivos afetivos ou no intuito de preservar a memória de sua obra. Prosseguindo em sua análise, a autora supracitada entende como fatores que influenciaram o tratamento de arquivos privados em bibliotecas a investigação histórica, os estudos literários e a estabilidade da normalização bibliográfica, aprofundada pelo fato de não haver anteriormente uma normalização da descrição arquivística. Porém, o tardio reconhecimento dos arquivos pessoais como arquivos foi o elemento mais decisivo nesse contexto (FILIPE, 2015, p.11).

Para o arquivista italiano Elio Lodolini, arquivos e bibliotecas por muitos anos foram considerados afins, e até mesmo organizações “irmãs” (BATTAGIA *apud* LODOLINI, 2015, p. 140). Essa aproximação decorria de uma tradição medieval europeia e também das semelhanças externas entre arquivos e bibliotecas: material escrito, prateleiras, não sendo perceptível aos leigos a natureza de cada um (CENCETTI *apud* LODOLINI, 2015, p. 143). No entanto, na medida em que os arquivos foram consolidando a sua característica de conjuntos orgânicos de

documentos e com a organização dos arquivos conforme o princípio da *proveniência*, arquivos e bibliotecas separaram-se nitidamente (LODOLINI, 2015, p. 142).

Outra problemática levantada por Lodolini é que frequentemente o bibliotecário tende a dar maior importância a um documento específico por considerá-lo importante, sem considerar a série na qual está inserido. Assim, fora de seu contexto, o documento perdia grande parte de seu significado próprio (LODOLINI, 2015, p. 140). Tal situação provavelmente se deve ao fato do conceito de organicidade, fundamental na arquivística, ser estranho aos bibliotecários. Segundo esse conceito, os documentos de um fundo arquivístico se relacionam entre si, estabelecendo assim um vínculo orgânico, não sendo possível entender um documento de maneira isolada, ou seja, sem ligá-lo a outros de seu conjunto arquivístico (CAMARGO, 2009, p.38). A biblioteca, segundo Santa Anna, Campos e Calmon (2015, p. 97), é formada por coleções de documentos bibliográficos (livros, periódicos etc.) e não bibliográficos (gravuras, mapas, filmes, discos etc.) que não tem necessariamente ligação entre si. Assim, a organicidade é primordial para diferenciar um acervo arquivístico de um acervo bibliográfico e de outros tipos de acervos.

Em um interessante artigo, a arquivista Daniele Cavaliere Brando e a bibliotecária Ana Lúcia Merege, ambas servidoras da Fundação Biblioteca Nacional, demonstraram um pouco da trajetória dos arquivos privados nesta instituição. Segundo as autoras (BRANDO; MEREGE, 2009, p.64), tais arquivos custodiados pela FBN foram doados pelos próprios titulares ou por seus herdeiros, seja pela ligação entre o titular e a biblioteca, seja por esta ser um lugar fácil acesso, beneficiando uma quantidade maior de pesquisadores.

Por causa do grande número de documentos recebidos, para que o acesso fosse garantido mais rapidamente aos usuários, os itens desses acervos eram descritos de maneira superficial, sem que um instrumento de pesquisa mais detalhado fosse produzido. Ao longo dos anos, alguns desses arquivos foram revistos, permitindo assim descrições mais exatas, resultando em mudanças do arranjo de várias coleções (BRANDO; MEREGE, 2009, p.64-65). Muitos desses arquivos privados foram organizados em grandes séries, sendo acessíveis por meio do catálogo de fichas da Divisão de Manuscritos. Porém, com a migração dos dados para uma base eletrônica, alguns problemas no arranjo preliminar foram

identificados, constatando-se a necessidade de descrever mais detalhadamente determinadas séries e documentos.

O artigo de Brando e Merege (2009, p.60) buscou demonstrar a importância dos arquivos privados existentes na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Para isso, o conceito de arquivos privados foi analisado apresentando-se suas diferentes definições e destacando as temáticas predominantes. As autoras frisam que a Biblioteca Nacional custodia diversos arquivos privados de grande interesse e que muitos destes têm sido revisitados nos últimos anos, tendo como resultado artigos, monografias e comunicações (BRANDO; MEREGE, 2009, p.70).

O exemplo dado no referido artigo é a Coleção Afrânio de Melo Franco, que reúne documentos do político mineiro muito atuante na primeira metade do século XX (BRANDO; MEREGE 2009, p.65). Tal coleção foi alvo de um projeto de reorganização, que começou no ano de 2005 com a concepção do arranjo da documentação baseado na pesquisa sobre a vida e atuação do titular. A segunda etapa consistiu no preenchimento de uma planilha padrão de descrição, contendo dados sobre autor, conteúdo, datas e nome do conjunto documental do qual é oriundo o documento. O controle de vocabulário para indexação temática dos documentos tratados foi o terceiro passo do trabalho de revisão da coleção citada. Por último, procedeu-se a elaboração de instrumento de pesquisa: inventário analítico (BRANDO; MEREGE, 2009, p.68-70). A revisão metodológica da organização da Coleção Melo Franco constitui-se em uma experiência de como um acervo custodiado por uma biblioteca pode receber um tratamento arquivístico adequado.

2.3 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS NOS ARQUIVOS PESSOAIS

Ainda há muito que se pesquisar no campo teórico dos arquivos privados. Voltando à temática do lugar secundário dos arquivos pessoais, é importante lembrar que as bases da Arquivologia e de seus principais teóricos formaram-se nos arquivos institucionais. Com isso, as formulações teóricas arquivísticas estariam voltadas à realidade de produção, gestão, preservação e acesso dos documentos públicos, sem considerar os arquivos pessoais (OLIVEIRA, 2010, p. 34). É necessário um aprofundamento teórico na esfera dos arquivos pessoais que

considere as suas especificidades, mas que ao mesmo tempo reconheça-os como parte integrante da Arquivologia (CAMARGO, 2009, p.28).

Apesar deste quadro, para Catherine Hobbs (2016, p. 314) há um consenso perceptível da natureza arquivística dos arquivos pessoais para a maioria dos arquivistas. A autora ainda pontua a existência de duas grandes abordagens teóricas: a primeira defende que os arquivos pessoais devem partilhar das mesmas metodologias aplicadas aos arquivos institucionais; a segunda (defendida pela própria Hobbs) propõe um novo olhar e tratamento técnico específico para os arquivos pessoais.

A visão de Ana Maria de Almeida Camargo se alinha com a primeira abordagem teórica citada por Hobbs. Para Camargo, os arquivos pessoais devem ser submetidos ao tratamento próprio dos arquivos, ou seja, o mesmo dos arquivos institucionais. Além disso, os documentos de um acervo privado também se constituem em provas das atividades exercidas pelos seus produtores, o que para Camargo assemelha ainda mais os arquivos pessoais dos organizacionais. Para essa autora, os postulados já consagrados nos arquivos de instituições (respeito aos fundos, organicidade, princípio da proveniência, a primazia do valor probatório sobre o valor informativo) atingem de igual modo os arquivos de pessoas (CAMARGO, 2009, p. 28).

Sue McKemmish também aproxima os limites da concepção e do tratamento de arquivos pessoais e arquivos institucionais, frisando suas semelhanças. Para ela (*apud* ABREU, 2017, p. 29-30):

A manutenção de documentos é um tipo de testemunho. No nível pessoal, é uma forma de evidenciar e memorializar nossas vidas - nossa existência, nossas atividades e experiências [...] Os arquivistas podem analisar o que está acontecendo na manutenção de documentos pessoais da mesma forma que analisam a manutenção de documentos corporativos. Assim, como eles podem identificar funções e atividades significativas de negócios e especificar quais documentos são capturados como evidência dessas atividades, eles podem analisar funções socialmente atribuídas e atividades relacionadas.

Em sua concepção, Hobbs sugere que os arquivos pessoais tenham o seu enfoque não no ponto de vista probatório, mas no “valor potencial dos documentos” a fim de documentar “uma humanidade interior [mais] complexa” (HOBBS, 2016, p. 314). Para Hobbs os arquivos pessoais se diferenciam pela importância da intenção, na psicologia do produtor e na interpretação deste sobre o que está fazendo. Por

essa razão é necessário buscar métodos diferenciados para os arquivos pessoais (HOBBS, 2016, p. 316-317).

Uma pesquisadora brasileira que se aproxima da perspectiva de Hobbs é Luciana Heymann. Para a historiadora, os arquivos pessoais possuem especificidades próprias e a contextualização destes é construída de forma diferente dos arquivos institucionais (HEYMANN, 2009b, p. 43-44). Diferentemente de Camargo, Heymann não se preocupa em apontar os princípios da arquivística no tratamento dos arquivos pessoais (provavelmente por ser uma historiadora e abordar tais documentos numa perspectiva histórica). A autora aponta que tais conjuntos documentais possuem uma variedade sem limites de tipos de documentos. Considerando isso, a tarefa de identificação das atividades que originaram determinados documentos destes acervos, pode não ser tão precisa quanto nos arquivos institucionais (HEYMANN, 2009b, p. 48).

Os arquivos de homens públicos apresentam a diversidade de situações em que o indivíduo pode produzir e acumular documentos. Desta forma, enquanto há os documentos que refletem e comprovam determinado tipo de atividade de forma clara, também há aqueles que permanecem numa *zona de indeterminação*, necessitando de uma maior pesquisa sobre seus usos e sentidos atribuídos pelo seu titular (HEYMANN, 2009b, p. 49). Entende-se que para Luciana Heymann o contexto arquivístico de um arquivo pessoal é algo bem mais complexo de ser compreendido do que em outros tipos de conjuntos documentais.

A autora então vai propor alguns deslocamentos em relação aos cânones tradicionais da arquivística, com o fim de provocar um debate. Para Heymann (2009b, p. 50) o contexto de produção de documentos pertencentes a arquivos pessoais está relacionado à compreensão do motivo da guarda do documento, identificando a intenção acumuladora. Sendo assim, a noção de *intencionalidade* seria conveniente aos arquivos pessoais. No entanto, tal ideia tem certa resistência no campo arquivístico ao se confrontar com o princípio da *naturalidade* (acumulação documental resultante das transações e do funcionamento das instituições) dos documentos arquivísticos (HEYMANN, 2009b, p. 51). É necessário então, atentar-se para a relação que cada titular manteve com os documentos guardados para uma melhor organização desse arquivo (HEYMANN, 2009b, p. 54). Pesquisar profundamente como esses arquivos foram constituídos é fundamental para a sua contextualização, entendendo tais acervos como *produtos de investimentos sociais*

mais do que produtos “naturais” da trajetória dos indivíduos (HEYMANN, 2009b, p.55).

Os arquivos pessoais têm percorrido uma trajetória interessante no campo arquivístico. Primeiramente, não eram reconhecidos como arquivo pelos teóricos por não se tratarem de documentos produzidos por órgãos públicos. Nesse contexto, por muito tempo as bibliotecas desempenharam um papel fundamental como custodiadoras de muitos arquivos privados, mesmo que o tratamento dado a estes acervos não fosse baseado na prática arquivística. Muitos arquivos pessoais, como o do escritor Lima Barreto, ainda são guardados por bibliotecas.

O reconhecimento dos arquivos pessoais como arquivos deu-se tardiamente: por volta da segunda metade do século XX. Entretanto, ainda ocupam um lugar menor dentro da Arquivologia, sendo necessário que o seu campo teórico-metodológico seja aprofundado e ampliado. Para isso, é preciso que os arquivos pessoais recebam um tratamento condizente com as práticas arquivísticas, porém considerando suas especificidades. Dentro desta perspectiva, é primordial o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Biblioteconomia e a História. Desta maneira, considerar “os diversos aspectos da discussão em torno dos arquivos pessoais” (ABREU, 2017, p. 33) é o viés ideal para o desenvolvimento teórico e metodológico destes arquivos. Esta é a perspectiva aplicada no presente trabalho.

3 UM LITERATO E SEU ARQUIVO

Como já foi mencionado neste trabalho, para a completa organização de um arquivo pessoal é necessária intensa pesquisa, no que diz respeito à vida do produtor em seus diversos aspectos: profissional, pessoal, familiar, intelectual e etc., ou seja, suas funções desempenhadas e relacionamentos

Nesta seção será apresentada uma breve biografia do escritor carioca Lima Barreto, destacando as várias atividades por ele exercidas: escritor, jornalista, funcionário público, dentre outras. Em segundo lugar, busca-se apresentar a história de seu acervo privado custodiado na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), levantando algumas questões próprias dos arquivos pessoais presentes na deste fundo. Por último, visa-se expor os instrumentos de pesquisa próprios deste e que estão disponíveis na FBN.

3.1 A TRAJETÓRIA DO ESCRITOR CARIOCA

Figura 1 – Retrato do Lima Barreto



Fonte: Site da BN Digital (2017)

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881, filho de D. Amália Augusta Barreto e do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto. Ainda na infância ficou órfão de mãe. Seus estudos foram custeados por seu padrinho de batismo, o Visconde de Ouro Preto. Em 1890, João Henriques foi nomeado escrivão das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. No ano seguinte, Afonso torna-se aluno interno do Liceu Niteroiense, indo para sua casa na Ilha somente aos finais de semana (BARBOSA, 2002, p. 403). Em 1902 muda-se com a família da Ilha do Governador, para o bairro do Engenho Novo. No ano seguinte foi morar na Rua Boa Vista em Todos os Santos, e em 1913 até o fim de sua vida, reside à Rua Major Mascarenhas no mesmo bairro (BOTELHO, 2002, p. 47).

Aos dezesseis anos ingressa na Escola Politécnica, atendendo a vontade do pai que desejava vê-lo formado engenheiro, embora sua verdadeira inclinação fossem as letras. Porém, Afonso Henriques não consegue completar seus estudos, pois em 1903 seu pai enlouquece e como filho mais velho, o escritor assume o sustento da família. Lima Barreto assume o cargo de amanuense na Secretaria de Guerra, que lhe pagava um salário muito baixo (BOTELHO, 2002, p. 50).

Sua situação de pequeno funcionário público, suburbano, tendo que conviver diariamente com a loucura do pai e numa realidade de grandes dificuldades financeiras, conduziu-o ao alcoolismo. Por mais de uma vez o escritor foi internado no Hospício Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha (BOTELHO, 2002, p. 51).

Com a saúde cada vez mais debilitada, Lima Barreto faleceu no dia primeiro do mês de novembro de 1922, em decorrência de um colapso cardíaco (BARBOSA, 2002, p. 410).

Vale ressaltar, que mesmo morrendo precocemente, ao longo de seus quarenta e um anos de vida, Lima Barreto produziu uma rica e vasta obra, entre romances, contos, crônicas e artigos. O escritor carioca cooperou por anos em periódicos como *Careta*, *A.B.C.*, *Correio da Noite*, *Hoje*, *A Lanterna* e *O Debate*. Foi um dos fundadores da revista *Floreal* em 1907, onde publicou capítulos do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, lançado em 1909 em Portugal. Foi através de folhetins que Lima Barreto iniciou a publicação de seu romance mais famoso: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, no *Jornal do Commercio* em 1911. Em seguida, outro folhetim com a sátira *Numa e a ninfa*, em *A Noite*, 1912. Por meio de suas publicações em diversos jornais, Lima pôde expressar suas opiniões sobre os

vários temas que lhe causavam impressão, como política nacional e estrangeira, a administração municipal, as modas da cidade, o futebol, o feminismo, a vida nos subúrbios, etc.(BOTELHO, 2002, p. 50).

Conforme Agripino Grieco (1956, p.13) “o literato carioca teve sua vida marcada pela rejeição de parte da intelectualidade de sua época, tanto que nunca conseguiu entrar na Academia Brasileira de Letras”.

Com muito esforço e não recebendo nada em troca na maioria das vezes, Lima Barreto conseguiu ver publicados alguns romances e contos. *Clara dos Anjos*, por exemplo, só foi publicado postumamente em folhetins nos anos de 1923 e 1924, assim como *O Cemitério dos Vivos*, *Diário Íntimo* e parte de sua correspondência pessoal. Foi somente na década de 1950, que a obra completa de sua autoria foi publicada, primeiro pela Editora Mérito em 1953 e posteriormente pela Editora Brasiliense em 1956. Esta última publicou em dezessete volumes a coleção *Obras Completas de Lima Barreto* organizada sob a direção de Francisco Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcante Proença. Esta coleção foi agrupada da seguinte forma: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos* (romances), *História e Sonhos* (contos), *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino de Jambon*(sátiras), *Bagatelas*(artigos), *Feiras e Mafuás*, *Vida Urbana*, e *Marginália* (artigos e crônicas), *Impressões de Leitura*(crítica), *Diário Íntimo* e *O Cemitério dos Vivos* (memórias) e *Correspondência I e II* (SCHWARCZ, 2017, p. 502).

Apresentamos os dados acima, pois o arquivista enquanto pesquisador deve estar inteirado dos contextos relacionados à documentação na qual trabalha. Em arquivos pessoais o conhecimento da biografia do produtor e do contexto histórico em que o indivíduo está inserido é destacado como algo essencial no momento de organização e da construção dos quadros de arranjo e descrição. Conforme destacam Maria Celina Silva e Márcia Cristina Trancoso (2015, p. 858) cada vez mais se “consolida a importância de conhecer a biografia do produtor dos documentos para uma classificação mais consistente e fundamentada”. Por isso julgamos importante, antes de problematizar a organização documental deste acervo, conhecer o produtor.

3.2 O ARQUIVO DO ESCRITOR

Quando se propõe o estudo de um arquivo é imprescindível conhecer a história de custódia desse acervo, ou seja, entender como esses documentos chegaram até a instituição que os guarda, assim como foi seu processo de organização e divulgação. O arquivo de Lima Barreto percorreu um caminho interessante até chegar à Biblioteca Nacional, conforme será relatado abaixo. O jornalista e escritor Francisco de Assis Barbosa teve um papel fundamental no desenrolar da história arquivística do acervo de Lima Barreto, pois foi através dele que tais documentos chegaram à Biblioteca Nacional.

Segundo o próprio Barbosa (2002, p. 29) por volta de 1945, o editor Zélio Valverde o incumbiu de organizar a obra completa de Lima Barreto. Para começar a realizar essa tarefa, o jornalista entrou em contato com a família do escritor e recebeu das mãos de sua irmã Evangelina de Lima Barreto, uma série de documentos que estavam guardados no guarda-louça da casa da família. Eram documentos que até então não tinham sido analisados por ninguém, e que tratavam de aspectos da vida pessoal e literária do escritor (SCHWARCZ, 2017, p. 499).

Tais documentos, porém, estavam num estado um tanto delicado:

Apesar de desfalcado [o arquivo] para não dizer empastelado, fomos encontrá-lo, a tempo de ser salvo, nos baixos de um guarda-comida, na residência da irmã do escritor, no subúrbio de Todos os Santos. A biblioteca extraviara-se. Agradecida a José Mariano Filho, que custeara as despesas do enterro [de Lima Barreto], a família entregara-lhe os oitocentos e tantos volumes da coleção "Limana", assim chamada pelo próprio romancista, num misto de ternura e ironia, muito de seu feitio e temperamento (BARBOSA *apud* CAMARGO, 2015, p. 90).

Como destacado na citação acima, os livros perderam-se por falta de cuidado de seu novo proprietário, José Mariano Filho. No entanto, cerca de setenta por cento dos arquivos foi salvo, conforme Francisco de Assis Barbosa (CAMARGO 2015, p. 90). Provavelmente, porque estes papéis ficaram sob a guarda da família Lima Barreto.

Esses documentos foram em parte vendidos para FBN em 1947, quando Rubens Borba de Moraes dirigia a instituição. Ali havia rascunhos, cadernos de notas e apontamentos, cartas de amigos e minutas das respostas, além de manuscritos completos de algumas das obras de Lima. Estavam, porém,

desorganizados em razão das sucessivas mudanças (SCHWARCZ, 2017, p. 509 e 511).

Fato é que, parte dos documentos que hoje compõem o arquivo pessoal de Lima na FBN foram arrolados em um inventário feito pelo próprio em 1917 como parte de sua biblioteca particular (a Limana). Esses documentos, porém, ficaram com a família do escritor, isto é, não seguiram junto com seus livros para as mãos de José Mariano Filho. Tal documentação foi chamada pelo escritor de “manuscritos e originais” e organizada pelo mesmo da seguinte forma (SCHWARCZ, 2017, p. 319):

- I – Clara dos Anjos, romance meu (inédito e incompleto) 1904;
- II – Recordações do Escrivão Isaias Caminha. Romance meu (publicado em 1909, a 1ª edição; em 1917, a 2ª ed.);
- III – Policarpo Quaresma, romance meu (Publicado no Jornal do Commercio, Ed da tarde, 1911; e em livro, 1916);
- IV – Numa e a Ninfa, romance meu (publicado em A Noite, em 1915; e em fascículos, 1917);
- V – Originais Publicados;
- VI – Originais a Aproveitar;
- VII – Papéis vários;
- VIII – Originais a organizar;
- IX – Originais a Aproveitar;
- X – Numa e a Ninfa (em provas revistas).

É interessante e de muita relevância, a análise feita por Lilia Moritz Schwarcz (2017, p. 319) de que havia uma organização feita pelo próprio Lima Barreto de textos de sua autoria em cadernos especiais, que continham a etiqueta “Retalhos de jornal”. Também havia junto deste material, artigos diversos com recortes das publicações estrangeiras das quais o autor era assinante. Um dos assuntos que mais chamava a atenção do escritor eram artigos relacionados à questão racial. Além disso, podem ser localizados nesse conjunto documental artigos sobre violência cometida contra mulheres, crônicas acerca da cidade do Rio de Janeiro (assuntos que eram abordados em suas diversas crônicas) e resenhas que tratavam das obras de sua autoria. Lá estão também os seus cadernos de anotações e toda a sua correspondência pessoal. Para Schwarcz (2017, p. 320), o escritor a sua maneira cuidava da própria memória: “se não era premonição, sem dúvida significava zelo com sua carreira literária”.

Há ainda um aspecto de grande importância na história arquivística do acervo de Lima: parte dos documentos ficou com Francisco de Assis Barbosa, mesmo após a venda do acervo à FBN. Somente em 1992 tal documentação foi doada, por D.

Yolanda de Assis Barbosa, viúva de Francisco, ao bibliófilo José Mindlin. Esses documentos estão preservados na Brasileira Guita e José Mindlin na USP (SCHWARCZ, 2017, p. 512). Nessa coleção, há várias pastas contendo muitos documentos pessoais de Lima, entre cartas, originais, fotos, recortes, propagandas e folhetos (SCHWARCZ, 2017, p. 505).

Desta maneira, percebe-se que houve uma fragmentação do arquivo do escritor Lima Barreto, quando o seu biógrafo decidiu ficar com parte de seus documentos, caracterizando uma dispersão de fundos. Bellotto (2006, p. 167) define que a dispersão de fundos arquivísticos ocorre quando documentos são retirados de uma série, séries de um fundo, fundos de um arquivo, para compor séries e fundos de outro arquivo. Ainda segundo a arquivista brasileira “os fundos de arquivo devem ser preservados sem dispersão, alienação, destruição não autorizada ou adição indevida” devido ao princípio da proveniência⁶ (2006, p. 88). No entanto, esta situação de fragmentação de arquivos pessoais é muito comum e ocorre por diversas circunstâncias, ligando-se também à quebra de outro princípio arquivístico, o da integridade⁷ do fundo arquivístico (SILVA; MELO, 2016, p. 96). Assim, além da dispersão houve uma mistura de fundos: o de Lima Barreto e o de Francisco de Assis Barbosa.

Segundo Schwarcz (2017, p. 509), era um “arquivo do arquivo”, ou seja, era aquilo que Barbosa acreditou ser importante guardar consigo, e não entregar com os outros documentos recebidos pela FBN. Para a autora “não há nada acidental naquilo que guardam e no modo como guardam”. Lima era um colecionador de si mesmo, colocando tudo o que podia em sua biblioteca: “era como se não quisesse deixar nada passar, como se cuidasse de sua memória, que poderia ser reconstruída por meio de recortes” (SCHWARCZ, 2017, p. 511).

O posicionamento de Schwarcz remete à questão da intencionalidade do arquivo pessoal pontuada por Heymann (2009a, p. 61), que defende que são necessárias mais reflexões metodológicas no que se refere às especificidades dos arquivos pessoais. Para ela há uma grande resistência no campo arquivístico à

⁶Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 136).

⁷Objetivo decorrente do princípio da proveniência que consiste em resguardar um fundo de misturas com outros, de parcelamentos e de eliminações indiscriminadas (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 108).

noção de “intencionalidade” na constituição dos arquivos privados porque esse conceito está relacionado à ideia de *coleção* (artificial, inorgânica), contrapondo-se ao princípio da “naturalidade” da produção/acumulação dos documentos arquivísticos. Heymann ainda aponta para um possível desinteresse da Arquivologia em “investir na especificidade do indivíduo como entidade produtora de arquivos” (HEYMANN, 2009a, p.59). Estas são questões que precisam ser analisadas e debatidas profundamente nas pesquisas sobre arquivos pessoais.

Entretanto, sem aprofundar nas questões em torno da intencionalidade X naturalidade dos arquivos pessoais, vale reconhecer a preocupação de Lima Barreto na organização e na manutenção dos seus documentos. Sendo este mesmo zelo, já mencionado acima, o que possibilitou aos pesquisadores e editores futuros realizarem inúmeras publicações e coletâneas.

3.3 A DIVISÃO DE MANUSCRITOS DA FBN

Em 1810, o príncipe regente Dom João estabeleceu que a Real Biblioteca (trazida de Portugal), que até então ocupava o andar superior da Ordem Terceira do Carmo, fosse transferida para um novo imóvel. Naquele mesmo ano as obras começaram, e a consulta ao acervo da biblioteca foi também permitida a estudiosos mediante consentimento régio. Em 1814, o novo prédio ficou pronto e todo acervo da Real Biblioteca foi transferido para este novo local, que ficava na mesma rua da Ordem Terceira do Carmo. Durante o período imperial, a Real Biblioteca passou a se chamar Biblioteca Imperial e Pública, e devido ao crescimento do acervo aconteceu uma nova mudança em 1858, agora para um edifício na atual Rua do Passeio. Finalmente em 1910, é inaugurado o atual prédio da Biblioteca Nacional, nome este recebido após a Proclamação da República em 1889⁸.

De acordo com a explanação feita durante o curso *Intercorrências entre Arquivo e Biblioteca* realizado pela Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional em 18 de outubro de 2017, esta divisão surgiu como complemento do acervo da Real Biblioteca – Livraria do Rei e Casa do Infantado, possuindo aproximadamente mil códices manuscritos e documentos avulsos, a maioria de uso pessoal de Dom José I

⁸ Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

e Dom João VI. Num primeiro momento o depósito de manuscritos era denominado de “Arquivo” e depois de “Gabinete dos Manuscritos”.

Com a organização administrativa da Biblioteca Nacional regulamentada pelo Decreto nº 6141 de 04/09/1876, tornou-se 2ª Seção de Manuscritos. Em meados do século XX, passou a se chamar Seção de Manuscritos, e mais tarde Divisão de Manuscritos.

Atualmente a Divisão de Manuscritos está subordinada à Coordenadoria de Acervo Especial que, por sua vez, integra a estrutura do Centro de Referência e Difusão. A Divisão possui um precioso conjunto documental, com volume estimado em cerca de um milhão de documentos (códices, manuscritos avulsos, fotografias, estampas, mapas, recortes de jornais, etc.), também composto por arquivos privados e coleções de documentos manuscritos doados ou adquiridos de particulares - que abarca 250 coleções, além de uma coleção de 3.000 impressos (livros e revistas para auxiliarem no desenvolvimento das atividades de trabalho local). No acervo também estão armazenados microfimes e CDs.

A aquisição por compra deixou de ser praticada. Porém, durante décadas várias coleções privadas foram adquiridas pela Biblioteca Nacional, através dessa modalidade de aquisição. Um exemplo disso é o próprio arquivo Lima Barreto, objeto deste estudo. Nos últimos anos, as coleções que chegaram à instituição foram todas doadas pelos titulares ou por seus herdeiros.

A Divisão de Manuscritos já foi considerada Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional e mantém em seu acervo a *Coleção Biblioteca Nacional* que compreende documentos institucionais diversos desde a fundação. A gestão dos arquivos institucionais (corrente, intermediário e permanente) da Biblioteca Nacional é feita pela Divisão de Gestão Documental, enquanto que a Divisão de Manuscritos salvaguarda arquivos históricos.

Outro destaque da Divisão de Manuscritos da FBN são os cinco acervos nominados Memória do Mundo pela UNESCO: Carta de Abertura dos portos, Coleção Viagem Filosófica, Cartas Andradinas, Arquivo Artur Ramos e Arquivo Lima Barreto, certificado em 2017. Esse reconhecimento internacional reforça a importância do acervo, além de dar maior visibilidade.

No que se refere ao acesso ao acervo da Divisão de Manuscritos, o pesquisador precisa realizar cadastro prévio na recepção e, para isso, é necessário apresentar documento de identificação original com foto. O funcionamento do setor é

de segunda a sexta, das 10h às 18h. É permitida a reprodução das obras que estejam em bom estado de conservação, de acordo com a avaliação dos técnicos da FBN, as que estejam em domínio público (setenta anos após a morte do autor), obras protegidas pela Lei de Direito Autoral (9610/98), autorizadas por seus autores titulares ou sirvam como peças em processo judicial, e pequenos trechos para fim de pesquisa acadêmica, conforme determinação da Chefia da Divisão. O serviço de reprodução das obras do acervo é feito através de cópia de: microfilme, cópia digital, cópia em papel a partir do microfilme (somente para fins de prova jurídica), filmagem. Há também a possibilidade de agendar visitas técnicas, cujos temas e documentos são sugeridos por quem solicitou a visita.

Segundo Brando e Merege (2009, p. 63-64) muitos pesquisadores se surpreendem ao saber da existência de arquivos privados na Biblioteca Nacional, onde julgavam haver apenas documentação proveniente da administração pública e/ou órgãos públicos. Diversos desses arquivos pessoais têm sido objeto de pesquisas que vêm gerando conhecimento em diversas áreas (BRANDO; MEREGE, 2009, p. 70), como é o caso deste trabalho que visa analisar o arquivo Lima Barreto dentro de uma perspectiva arquivística.

4 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ARQUIVO LIMA BARRETO

O primeiro ponto a ser destacado nessa seção trata-se de uma pequena exposição do desenvolvimento da descrição de documentos na Divisão de Manuscritos da FBN. Estas informações foram obtidas durante o curso *Intercorrências entre Arquivo e Biblioteca* promovido pela Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional em 18 de outubro de 2017, e também por meio de indagações feitas diretamente aos servidores desta divisão.

O segundo aspecto abordado será a apresentação e análise dos instrumentos de pesquisa desenvolvidos para a consulta do arquivo do escritor Lima Barreto custodiado pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Esta análise se dará baseando-se em conceituações consagradas na área de Arquivologia e também de Biblioteconomia, já que tais instrumentos foram produzidos dentro de uma biblioteca.

4.1 HISTÓRICO DA DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS NA FBN

A Divisão de Manuscritos da FBN possui um acervo cujas características exigem conhecimentos específicos para seu adequado tratamento. Desta forma, tal setor procura combinar os procedimentos gerais vigentes na Biblioteca Nacional referente ao tratamento da informação, aos princípios e técnicas da Biblioteconomia (AACR2⁹) e da Arquivologia (ISAD(G)¹⁰, NOBRADE¹¹). O tratamento das coleções compreende à organização, descrição, indexação, inserção no registro patrimonial, inserção na base de dados e disponibilização ao público.

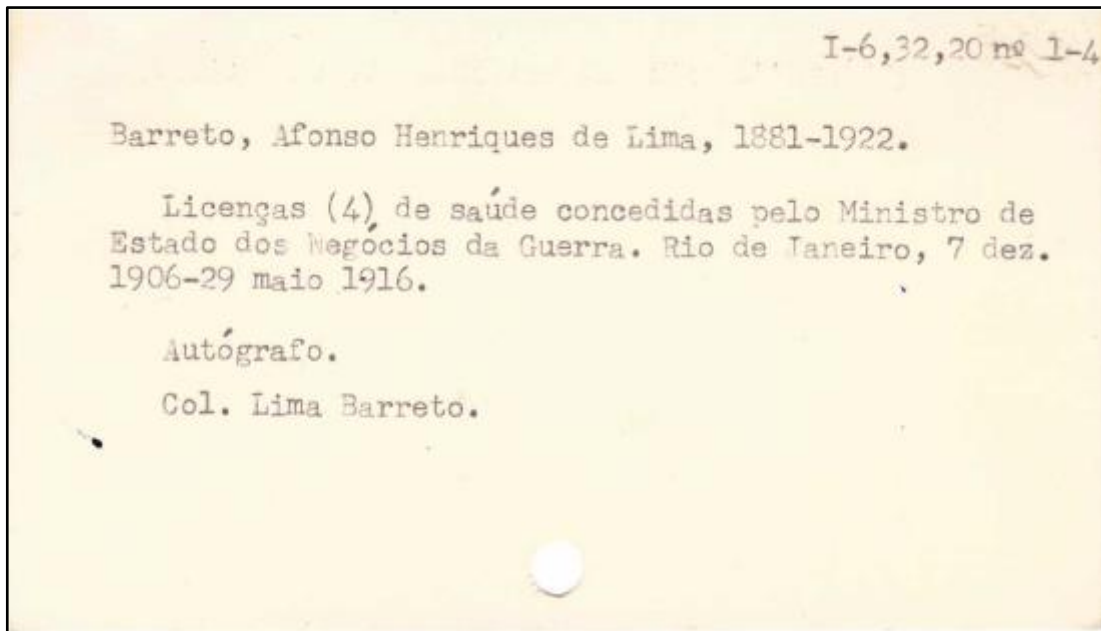
No entanto, antes da década de 1990, quando foi implantada a primeira base eletrônica de dados na FBN (*Microsis*), um dos recursos mais usados para o controle e recuperação de documentos e informações eram as fichas catalográficas. Segue abaixo um exemplo de ficha catalográfica do arquivo Lima Barreto:

⁹Anglo-American Cataloguing Rules -2nd edition.

¹⁰Norma Internacional Geral de Descrição Arquivística.

¹¹Norma Brasileira de Descrição Arquivística.

Figura 2 – Ficha catalográfica do arquivo Lima Barreto



Fonte: Divisão de Manuscritos da FBN

A partir dos anos 1990, as bases de dados eletrônicas passaram a ser uma realidade na dinâmica da FBN. O primeiro desses sistemas foi o *Microsis*, seguido pelo *Ortodocs* (década de 2000) e atualmente o *Sophia Biblioteca* (implantado na Divisão de Manuscritos em 2016). No entanto, as informações de uma ficha catalográfica não podem ser simplesmente digitadas no computador para produzir um catálogo automatizado. É necessário que o computador tenha um meio para interpretar a informação encontrada no registro bibliográfico. O Formato MARC (Machine-Readable Cataloging) foi o meio desenvolvido, na década de 1960, para tornar legível a catalogação por computador (PRTO, 2011, p. 26). Esse formato foi aperfeiçoado no final da década de 1990 para a versão MARC 21, que “uniformizou os métodos de as instituições organizarem suas informações bibliográficas, pois evita que o trabalho seja repetido e permite que haja um compartilhamento dos dados bibliográficos, confiável e previsível” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 109).

Segundo Albuquerque (2006, p. 145):

O AACR2 é um dos códigos mais utilizados pelos bibliotecários e a ISAD(G), uma norma relativamente nova, que está sendo inserida nos trabalhos arquivísticos. Os dois códigos contêm as diretrizes de uma análise formal para que o profissional possa efetuar a descrição de qualquer documento em qualquer suporte... A evolução tecnológica trouxe também a

possibilidade de transpor os dados que fazem parte da catalogação bibliográfica e da descrição arquivística, para um formato que, baseado em tais códigos, fornece a recuperação das informações em meio eletrônico, tornando assim os serviços mais rápidos e compartilháveis com outras instituições. Usando formatos como o exposto aqui, MARC 21, é possível definir uma planilha com as regras desejadas e passar as informações para meio eletrônico... Portanto, uma ficha catalográfica ou um instrumento de pesquisa podem estar no modo impresso ou *on-line*, assim permitindo seu acesso e uso em diferentes ambientes informacionais.

Com a nova realidade eletrônica para o controle e recuperação de documentos, a equipe de servidores da Divisão de Manuscritos elaborou uma ficha padrão de descrição de documentos que era a princípio preenchida manualmente, para depois ser lançada na base de dados. Essa ficha, composta por duas laudas (Figuras 3 e 4), combinava elementos da ISAD(G) – norma internacional para descrição de documentos arquivísticos, e AACR2 dentro dos campos do MARC:

Figura 3- Ficha Padrão de Descrição de Documentos – primeira lauda

FBN - DIVISÃO DE MANUSCRITOS

FICHA PADRÃO DE DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS

092	n	LOCALIZAÇÃO
100		AUTOR
	a	Nome: _____
	b	Numeração que segue o prenome: _____
	c	Título ou cargo: _____
	d	Data associada ao nome: _____
243		TÍTULO
260	a	LOCAL
	c	DATA
300	a	PAGINAÇÃO/QUANTIFICAÇÃO
	c	FORMATO/DIMENSÕES
500	b	AUTENTICIDADE
		<input type="checkbox"/> ORIGINAL <input type="checkbox"/> CÓPIA <input type="checkbox"/> AUTÓGRAFO <input type="checkbox"/> OUTROS _____
	c	APRESENTAÇÃO
		<input type="checkbox"/> MANUSCRITO <input type="checkbox"/> DATILOGRAFADO <input type="checkbox"/> IMPRESSO <input type="checkbox"/> OUTROS _____
	a	NOTAS GERAIS
505		CONTEÚDO FORMATADO
520		RESUMO

Fonte: Divisão de Manuscritos da FBN

Figura 4- Ficha Padrão de Descrição de Documentos – segunda lauda

530	MICROFILME		
541	ENTRADA		
a	Origem: _____		
c	Forma de entrada: _____		
d	Data de entrada: _____		
546	IDIOMA		
561	COLEÇÃO		
581	PUBLICAÇÃO		
585	EXPOSIÇÕES		
590	ANTIGAS LOCALIZAÇÕES		
291	REGISTRO Mss	949 a	REGISTRO FBN
592	COLEÇÃO ORIGINAL		
599	CONSERVAÇÃO		
	<input type="checkbox"/> 1º GRAU <input type="checkbox"/> 2º GRAU <input type="checkbox"/> 3º GRAU		
600	ASSUNTOS		
651	ASSUNTO GEOGRÁFICO		
700	SECUNDÁRIAS		
710	SECUNDÁRIAS DE ENTIDADE COLETIVA		
740	SECUNDÁRIAS DE TÍTULO ALTERNADO		
773	SÉRIE ARQUIVÍSTICA		
PREENCHIMENTO:			
RESPONSÁVEL _____			DATA: _____

Fonte: Divisão de Manuscritos da FBN

Com a nova base de dados implantada em 2016, o *Sophia Biblioteca*, uma nova planilha de descrição foi formulada na Divisão de Manuscritos da FBN. Esta planilha possui quatro folhas onde constam campos que contemplam desde o material do documento, até seu conteúdo. O preenchimento desta nova planilha é feita eletronicamente através do modo gerenciador do *Sophia Biblioteca*:

Figura 5 – Sophia Biblioteca - gerenciador

The screenshot shows the 'Inclusão - Obras' window in the Sophia Biblioteca - gerenciador. The interface includes a top toolbar with buttons for 'Confirmar', 'Cancelar', 'Tabelas', 'Emp. / Dev.', 'Template', and 'Validar MARC'. Below the toolbar, the 'MARC' section is active, showing a 'Material' dropdown set to 'Documento textual' and a checkbox for 'Apenas conteúdo digital'. The main area displays a table of MARC fields with columns for 'Áreas', 'Tag', 'I1', 'I2', 'Título', 'Descrição', and 'Pont.'. The table contains several rows of data, including fields for 'Subdivisão cronológica', 'Entrada secundária - Nome pessoal', 'Entrada secundária - Nome corporativo', 'Entrada secundária - Título uniforme', 'Entrada secundária - Título relacionado/analítico', 'Entrada de relação não especificada', 'Localização/Número de chamada', and 'Localização e acesso eletrônico'. A right-hand sidebar contains a search box and a trash icon.

Áreas	Tag	I1	I2	Título	Descrição	Pont.
	y			Subdivisão cronológica		
Complemento	700	1		Entrada secundária - Nome pessoal		
	a			Nome pessoal		
	e			Termo relacionador		
	710	2		Entrada secundária - Nome corporativo		
	a			Nome corporativo ou nome da jurisdição		
	e			Termo relacionador		
	730			Entrada secundária - Título uniforme		
	a			Título uniforme		
	740			Entrada secundária - Título relacionado/analítico		
	a			Título relacionado/analítico não controlado		
	787	1		Entrada de relação não especificada		
	w			Nº de controle do registro		
	852			Localização/Número de chamada		
	a			Localização	Manuscritos	
	b			Sublocalização ou coleção		
	d			Posição anterior na prateleira		
	856			Localização e acesso eletrônico		
	u			URI		
	y			Ligação textual	BN Digital	

Fonte: Divisão de Manuscritos da FBN

Desenvolvido pela *Prima*, empresa fundada em 1993 por profissionais do ITA e da Unicamp, o *Sophia Biblioteca* permite o gerenciamento do acervo pela produção de inventário, controle de aquisições, doações, assinaturas de periódicos, permutas e orçamentos. O software baseia-se nos padrões internacionais de catalogação e comunicação de dados (MARC-21, ISO2709, Z39.50 cliente e servidor, XML e OAI-PMH)¹². Através do terminal web, o usuário pode ter acesso remoto às informações sobre o acervo, como por exemplo, se determinado documento está ou não disponível para consulta. É também possível acessar documentos já digitalizados, o que facilita e amplia a pesquisa dos acervos.

¹² Disponível em: < <http://www.portalsophia.com.br/SobreBiblioteca.aspx>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

4.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p.108), o termo instrumento de pesquisa é definido como “meio que permite a identificação, localização ou consulta a documentos ou a informações neles contidas”. Bellotto (2004, p. 180) aprofunda mais este conceito ao qualificar instrumentos de pesquisa como “obras de referência que identificam, resumem e localizam, em diferentes graus e amplitudes, os fundos, as séries documentais e/ou as unidades documentais existentes em um arquivo permanente”. Ou seja, através dos instrumentos de pesquisa, o usuário poderá visualizar o potencial de informações de determinado acervo, otimizando sua pesquisa.

Pensando que instituições como a Biblioteca Nacional visam a preservação e o acesso de seu acervo, percebe-se como os instrumentos de pesquisa atuam nesse sentido, pois conforme afirmou Marilena Leite Paes (2004, p. 126-127) estes instrumentos são criados para descrever, localizar e divulgar o conteúdo e as características dos documentos, uma vez que “se destinam a orientar os usuários nas diversas modalidades de abordagem de um acervo”.

De acordo com essa definição foram identificados dois os instrumentos de pesquisa elaborados para orientar os consulentes da Coleção Lima Barreto na FBN: um catálogo e um manuscrito-guia.

4.2.1 O CATÁLOGO

Segundo o glossário presente na segunda edição do Código de Catalogação Anglo – Americano (2004, Apêndice D-2) o verbete catálogo pode ser definido como: “lista de materiais de biblioteca que fazem parte de uma coleção, biblioteca ou grupo de bibliotecas, ordenada de acordo com um plano definido”.

Entretanto, para Brisa Pozzi de Sousa e Mariângela Spotti Lopes Fujita (2012, p. 61), ainda que tenham surgido com a função de armazenar e registrar as informações sobre os documentos existentes em um acervo, a função dos catálogos nas bibliotecas passou por uma transformação em decorrência do aumento de materiais impressos. Desta forma, “ocorreu uma mudança de foco no uso dos catálogos, de simples função de depósito para uma ferramenta arrojada de uso da recuperação de informações” (SOUSA; FUJITA, 2012, p. 62). Os catálogos

passaram a possuir uma dupla função de acesso à informação, pois ajudam o usuário a localizar um documento pela descrição temática, e/ou pela descrição física. Além disso, são considerados o principal instrumento de recuperação da informação em bibliotecas, sendo também os responsáveis em direcionar a localização física na estante, do documento recuperado (SOUSA; FUJITA, 2012, p. 61).

A ideia de catálogo também está presente na área arquivística. A definição utilizada por André Porto Ancona Lopez, por sua vez retirada do Dicionário de Terminologia Arquivística (Núcleo regional de São Paulo da Associação dos Arquivistas Brasileiros), é bastante interessante: “instrumento de pesquisa em que a descrição exaustiva ou parcial de um fundo ou de uma ou mais de suas subdivisões toma por unidade a peça documental, respeitada ou não a ordem de classificação” (LOPEZ, 2002, p. 50). Entretanto, na arquivologia o catálogo não é utilizado na recuperação da informação, tendo como propósito a divulgação do acervo de uma instituição. Segundo Oliveira (2010, p. 11), é a descrição que promove a recuperação da informação já que se trata de uma:

Representação produzida pelo arquivista, decorrente de um processo de pesquisa, com metodologia e métodos próprios da Arquivologia, que objetiva a produção de conhecimento sobre os arquivos e o acesso aos mesmos.

A noção de catálogo adotada por Lopez parece ser bem apropriada ao examina-se o catálogo do acervo pessoal de Lima Barreto, pois, como será visto, há uma descrição objetiva do assunto de cada documento.

O catálogo foi organizado por Darcy Damasceno e publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* em 1985, e está disponível *on-line* através do site da Hemeroteca Digital Brasileira¹³.

Licenciado em Letras, escritor, crítico literário, ensaísta, tradutor, professor, dentre outras funções, Darcy Damasceno dos Santos (1922-1988) trabalhou por cerca de trinta anos (1952-1982) na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Brasil, exercendo inclusive o cargo de chefe desta divisão¹⁴. Durante esse tempo realizou uma série de melhorias no setor, organizando o acervo, coordenando a

¹³ Disponível em: < <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

¹⁴ Disponível em: < http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em: 18 nov. 2017.

edição de diversos catálogos e organizando exposições (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1985, p. 7).

Cabe ressaltar também que os *Anais da Biblioteca Nacional* é a publicação mais antiga desta instituição circulando desde 1876. Tal periódico tem como objetivo apresentar o acervo da biblioteca através de inventários, transcrições de documentos, estudos e pesquisas, e conteúdos de atividades técnicas e culturais desenvolvidas anualmente, como seminários e ciclo de palestras¹⁵. A página abaixo apresenta o sumário deste catálogo:

Figura 6 – Sumário do catálogo do arquivo Lima Barreto

SUMARIO	
CATALOGO	
1	CORRESPONDÊNCIA
1.1	Correspondência ativa (1-99)
1.2	Correspondência passiva (100-839)
1.3	Correspondência de terceiros (840-873)
2	PAPÉIS PESSOAIS
2.1	De João Henriques de Lima Barreto (874-876)
2.2	De Afonso Henriques de Lima Barreto (877-885)
3	TEXTOS AUTÓGRAFOS
3.1	Titulados (886-989)
3.2	Não titulados (990-1019)
4	VÁRIA (1020-1042)

Fonte: Anais da Biblioteca Nacional, 1985

Ao longo das sessenta e quatro páginas do catálogo, há uma descrição objetiva do assunto de cada documento. O exemplo (figura 7) abaixo mostra a página 9 dos *Anais da Biblioteca Nacional* de 1985, que corresponde à primeira página do catálogo do arquivo Lima Barreto:

¹⁵ Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/projeto-editorial/publicacoes-periodicas/anais-biblioteca-nacional>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

Figura 7 – Página 9 dos ABN (primeira página do catálogo do arquivo Lima Barreto)

1 CORRESPONDÊNCIA	
1.1 CORRESPONDÊNCIA ATIVA	
BARRETO, Afonso Henriques de Lima:	
1	A Adriano de Abreu, solicitando o empréstimo das memórias de Benvenuto Cellini. Rio, 23 maio 1910.
2	A Academia Brasileira de Letras, comunicando o envio de dez exemplares da obra <i>Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá</i> , com a qual concorria aos prêmios daquela instituição. Rio, 4 dez. 1920.
3	Ao Conde de Afonso Celso, agradecendo crítica ao romance <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> . Rio, 29 mar. 1916.
4	A Medeiros e Albuquerque, justificando a utilização de personagens reais em <i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i> . Rio, 15 dez. 1909.
5	A Artur Alves, tratando de um discurso do mesmo sobre Lauro Müller. Rio, 16 out. 1919.
6	A Frederico Carlos Andrade, enviando retrato e fazendo considerações sobre reputação literária. Rio, s.d.
7	A Georgino Avelino, comentando a idéia de <i>pátria</i> a partir de uma conferência do mesmo. Rio, 30 out. 1916.
8	A Alípio Bandeira, desfazendo mal-entendido. Rio, 4 jan. 1921.
9	A Rui Barbosa, fazendo votos por sua vitória nas urnas, em nome da liberdade, da cultura e da tolerância. Rio, 25 ago. 1909. Assinado <i>Isaías Caminha</i> .
10	Ao mesmo, apresentando-se candidato à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Sousa Bandeira. Rio, 21 ago. 1917.
11	Ao mesmo, apresentando felicitações pela eleição para a Corte Permanente de Justiça Internacional. Rio, 23 set. 1921.
<hr style="width: 20%; margin-left: 0;"/>	
An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 105:3-87, 1985.	

Fonte: Anais da Biblioteca Nacional, 1985.

Percebe-se que cada documento, no caso correspondências escritas por Lima Barreto, tem o nome do seu destinatário especificado, seguido por um breve resumo do assunto da carta e do local e data em que foi escrita. Isto pode ser compreendido como uma descrição parcial deste documento, que permitirá ao consulente do acervo uma rápida visualização do que se trata cada peça documental do arquivo, facilitando assim a sua busca por determinado termo.

Outro aspecto importante a ser destacado no catálogo do arquivo Lima Barreto é a questão da organização intelectual, mais propriamente o entendimento sobre qual foi a lógica utilizada em sua elaboração. A ideia de organização e lógica

de um acervo em Arquivologia associa-se com a noção de arranjo de fundos arquivísticos (BELLOTTO, 2004, p. 179).

De acordo com o Dicionário de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 141), um quadro de arranjo caracteriza-se como: “esquema estabelecido para o arranjo dos documentos de um arquivo, a partir do estudo das estruturas, funções ou atividades da entidade produtora e da análise do acervo”.

Neste sentido, um arranjo pode ser entendido como: “sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 37). Assim, o arranjo é compreendido como a representação da organização dos documentos de um arquivo permanente, ou seja, como esses documentos serão dispostos intelectualmente para que se possa visualizar tais documentos como um conjunto.

Dentro desta perspectiva, o arranjo de um arquivo pessoal deve refletir o seu produtor, revelando as suas mais variadas funções e atividades (GONÇALVES, 2007, p. 39). Isto permitirá aos pesquisadores desse arquivo uma visão mais global da vida de seu produtor, podendo retirar mais informações deste acervo: "o arranjo do material pode ser tão significativo como o próprio material" (ELLEN JACKSON, apud FRAIZ, 1998, p. 63).

Contudo, analisando o sumário do catálogo do arquivo Lima Barreto (figura 8), não é possível perceber quais eram suas atividades. A organização do arquivo está dividida em quatro grandes séries: Correspondência, Papéis Pessoais, Textos Autógrafos e Vária. Esta constatação coincide com o que Brando e Meregé (2009, p.68) afirmam sobre a organização de diversos arquivos privados adquiridos pela FBN: foram organizados em grandes séries. Tal sistematização não consegue representar as diversas atividades realizadas por Lima Barreto ao longo de sua vida: estudante, funcionário público, escritor, jornalista, etc. Nem mesmo suas relações familiares, profissionais, literárias, dentre outras. Isso remete a uma situação também recorrente em instituições arquivísticas observada por Ana Maria de Almeida Camargo:

Quando os arquivos são volumosos ou quando a instituição de custódia se ocupa de inúmeros fundos, os agrupamentos prevalecem como solução para a organização e recuperação dos documentos. Mas isso não significa rendição à lógica arquivística, que vê as séries documentais como expressão das atividades de pessoas e organismos e nelas reconhece o

estreito elo entre produtor e produtos, em primeiro lugar; entre produtos diferentes da mesma atividade, em segundo; e, por fim, entre produtos de distintas atividades do mesmo produtor. Ao contrário, o recurso a unidades coletivas e comuns de arranjo e descrição – o modelo *prêt-à-porter* supostamente capaz de servir a todos os fundos – atenderia apenas a conveniências de ordem prática (CAMARGO, 2009, p. 30-31).

Entende-se como modelo *prêt-à-porter* aquilo está pronto para ser usado, ou seja, uma forma de organização que atenderia a qualquer fundo arquivístico. Apesar de ser uma solução de ordem prática, tal modelo não atenderia ao sentido orgânico tão singular em todos os tipos de arquivos, incluindo os pessoais. Ainda segundo Camargo (2009, p. 34), o uso de categorias amplas e abrangentes na classificação pode colaborar para ambiguidades e sobreposições. Camargo defende uma classificação baseada nas atividades do produtor, pois desta forma a contextualização dos documentos será possível. A autora ainda pontua que nos arquivos pessoais o uso de termos coletivos é constante (correspondência, produção intelectual, fotografias, recortes), o que é claro na organização feita no arquivo Lima Barreto.

Ao analisar a organização intelectual do arquivo do escritor carioca, evidencia-se que as atividades que geraram tais documentos não estão claras, o que dificulta o entendimento das relações orgânicas dos documentos presentes nesse acervo. A importância do contexto arquivístico para o arranjo/classificação e descrição dos arquivos pessoais será tratada no final desta seção.









4.2.2 O MANUSCRITO-GUIA

O manuscrito-guia do arquivo Lima Barreto está disponível *on-line* através do terminal web do *Sophia Biblioteca* da FBN¹⁶. Nele identifica-se uma descrição em nível de fundo arquivístico deste acervo. Na Arquivologia, a descrição tem como finalidade o controle e acesso à informação através da explanação das relações orgânicas entre os documentos de arquivos e atividades que lhes deram origem. Para Luciana Duranti o “termo descrição arquivística significa literalmente escrever sobre o material de arquivo e abarca as ideias de representação, identificação e organização” (DURANTI, 1993, p. 47, tradução nossa).

¹⁶ Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 18 nov. 2017.

Conforme mencionado no início desta seção, esta descrição foi formulada seguindo uma combinação da AACR2 e da ISAD(G). Na aba “Detalhes” é possível ter informações como localização do acervo, quantidade e natureza dos documentos, fonte de aquisição, uma breve biografia do produtor, dentre outras coisas:

Figura 8 – Manuscrito – guia da coleção Lima Barreto

Detalhes	MARC tags	Dublin Core	Registros relacionados
Detalhes da obra			
Coleção Lima Barreto 	Inf. publicação	Manuscrito - Guia	
	Localização	Manuscritos - 34A.01:1-06.28-36	
	Título	Coleção Lima Barreto	
	Imprenta	[S.l.: s.n.], 1892-1922.	
	Desc. física	1134 registros.	
	Notas		
	Resumo	Correspondência, originais de romances, contos, crônicas, peças de teatro, anotações, recortes de jornais do titular.	
	Uso e produção	A reprodução do acervo está condicionada à avaliação do estado de conservação física da obra e aos termos da Lei nº 9610, de 19/02/1998, que dispõe sobre direitos autorais.	
	Fonte de aquisição	Evangelina de Lima Barreto , Eliezer de Lima Barreto e Carlindo de Lima Barreto	
	Biográficas/históricas	<p>Afonso Henriques de Lima Barreto (Rio de Janeiro, RJ, 1881-1922). Romancista, contista, cronista e jornalista. Afilhado do ministro do Império Visconde de Ouro Preto, conseguiu estudar no Colégio Pedro II e na Escola Politécnica, onde conheceu Bastos Tigre e o introduziu na imprensa. Em 1902 deixou os estudos e em 1903 começou a trabalhar na Secretaria de Guerra, para ajudar no sustento da família. Foi um dos fundadores da revista Floreal em 1907, onde publicou capítulos do romance Recordações do escrívão Isaías Caminha, lançado em 1909 em Portugal. De acordo com a tendência dos folhetins, Lima Barreto iniciou a publicação de Triste fim de Policarpo Quaresma, no Jornal do Commercio, em 1911. Em seguida, outro folhetim com a sátira Numa e a ninfa, em A Noite, 1912. Além de ter colaborado em diversos jornais e revistas deixou outras publicações como: Os bruzundangas (1922), Bagatelas (1923), Clara dos Anjos (póstumo, 1948), Diário íntimo (1953), O cemitério dos vivos (póstumo, incompleta, 1956), e Coisas do Reino de Jambon (1956). Apresentou três vezes sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, sem sucesso. O escritor aposentou-se em 1918 por problemas de saúde vindo a falecer em 1922 de colapso cardíaco. Fontes:</p> <p>- Barreto, Lima (1881 - 1922): biografia. São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural. Literatura Brasileira, 2014. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cod_verbeta=4956. Acesso em: 02 maio 2014.</p> <p>- NISKIER, Arnaldo. Lima Barreto, o defensor do tupiguarani. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012. Publicado em: Correio Brasiliense, 22 dez. 2012. Disponível em: www.academia.org.br/abl_e4w/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=116&infoId=14375&sid=911. Acesso em: 02 maio 2014</p>	
Índice cum. e rem.	ARQUIVO Lima Barreto : catálogo organizado por Darcy Damasceno. [19--]. (J-48.1.13)		
Índice cum. e rem.	DAMASCENO, Darcy. Arquivo Lima Barreto . Anais da Biblioteca Nacional, 1965. Rio de Janeiro, v. 105, 1989 p. 3-87		
Índice cum. e rem.	BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Lima Barreto , 1881-1922. Apres. de Plínio Doyle; prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro, 1981. Catálogo da exposição comemorativa do centenário de nascimento. Imp-1.3.14		
Índice cum. e rem.	Inventário disponível em base de dados		
Hist. de procedência	A biblioteca de Lima Barreto , com cerca de 600 volumes, foi doada a José Mariano Filho; os manuscritos, desorganizados, após sucessivas mudanças, ficaram sob a guarda de sua irmã Evangelina de Lima Barreto e foram encontrados e organizados por Francisco de Assis Barbosa. Assis Barbosa, futuro biógrafo de Lima Barreto , sugeriu a Rubens Borba de Moraes, então diretor da Biblioteca Nacional, sua aquisição, o que foi feito após avaliação, em 1947. (Fonte: BARBOSA, Francisco de Assis. Cem anos de Lima Barreto . In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Lima Barreto , 1881-1922. Rio de Janeiro, 1981).		
Locais 1	Registros MSS: 55-583/1949 e 890/1949		
Assuntos	1. Literatura brasileira  2. Barreto, Lima , 1881-1922 - Correspondência 		
Ent. sec.	I. Barreto, Lima , 1881-1922  II. Barbosa, Francisco de Assis, 1914-1991  III. Barreto , Evangelina de Lima  IV. Barreto , Eliezer de Lima Barreto  V. Barreto , Carlindo de Lima 		

Fonte: Base de dados da FBN (2017)

Também é possível nessa mesma página, clicar na aba “MARC Tags” e visualizar a descrição do fundo segundo os campos do MARC 21:

Figura 9 – Aba MARC Tags da coleção Lima Barreto

MARC tags	
000	nam a22 4a 4500
001	001421534
005	20170714161133.0
008	160709
090	__ e Fundo/Coleção
092	__ a 34A.01: I-06.28-36
245	__ a Coleção Lima Barreto
260	__ c 1892-1922
300	__ b 1134 registros
351	__ c Coleção
520	__ a Correspondência, originais de romances, contos, crônicas, peças de teatro, anotações, recortes de jornais do titular.
540	__ a A reprodução do acervo está condicionada à avaliação do estado de conservação física da obra e aos termos da Lei nº 9610, de 19/02/1998, que dispõe sobre direitos autorais
541	__ c Compra d 25/10/1947 a Evangelina de Lima Barreto, Eliezer de Lima Barreto e Carlindo de Lima Barreto h CR\$ 24.000,00
545	__ a Afonso Henriques de Lima Barreto (Rio de Janeiro,RJ, 1881-1922). Romancista, contista, cronista e jornalista. Afilhado do ministro do Império Visconde de Ouro Preto, conseguiu estudar no Colégio Pedro II e na Escola Politécnica, onde conheceu Bastos Tigre e o introduziu na imprensa. Em 1902 deixou os estudos e em 1903 começou a trabalhar na Secretaria de Guerra, para ajudar no sustento da família. Foi um dos fundadores da revista Floreal em 1907, onde publicou capítulos do romance Recordações do escrivo Isaias Caminha, lançado em 1909 em Portugal. De acordo com a tendência dos folhetins, Lima Barreto iniciou a publicação de Triste fim de Policarpo Quaresma, no Jornal do Commercio, em 1911. Em seguida, outro folhetim com a sátira Numa e a ninfa, em A Noite, 1912. Além de ter colaborado em diversos jornais e revistas deixou outras publicações como: Os bruzundangas (1922), Bagatelas (1923), Clara dos Anjos (póstumo, 1948), Diário íntimo (1953), O cemitério dos vivos (póstuma, incompleta, 1956), e Coisas do Reino de Jambon (1956). Apresentou três vezes sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, sem sucesso. O escritor aposentou-se em 1918 por problemas de saúde vindo a falecer em 1922 de colapso cardíaco. Fontes: - Barreto, Lima (1881 - 1922): biografia. São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural, Literatura Brasileira, 2014. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbeta=4956 . Acesso em: 02 maio 2014. - NISKIER, Arnaldo. Lima Barreto , o defensor do tupiguarani. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012. Publicado em: Correio Brasiliense, 22 dez. 2012. Disponível em: www.academia.org.br/abl_e4w/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=11&infoid=14375&sid=911 . Acesso em: 02 maio 2014
555	__ a ARQUIVO Lima Barreto: catálogo organizado por Darcy Damasceno. [19--]. (J-48.1.13)
555	__ a DAMASCENO, Darcy. Arquivo Lima Barreto. Anais da Biblioteca Nacional, 1985. Rio de Janeiro, v. 105, 1989 p. 3-87
555	__ a BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Lima Barreto, 1881-1922. Apres. de Plínio Doyle; prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro, 1981. Catálogo da exposição comemorativa do centenário de nascimento. Imp-1.3.14
555	__ d BARRETO, Lima. Caderno de inventário dos livros da Biblioteca do autor. Rio de Janeiro, 01 set. 1917. 36f. Ms. Na primeira página: "Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na minha pequena biblioteca. O catálogo farei depois, por intermédio dele". Microfilme: M5-503; original: I-06.33.0883
555	__ a Inventário disponível em base de dados
561	__ a A biblioteca de Lima Barreto , com cerca de 600 volumes, foi doada a José Mariano Filho; os manuscritos, desorganizados, após sucessivas mudanças, ficaram sob a guarda de sua irmã Evangelina de Lima Barreto e foram encontrados e organizados por Francisco de Assis Barbosa. Assis Barbosa, futuro biógrafo de Lima Barreto , sugeriu a Rubens Borba de Moraes, então diretor da Biblioteca Nacional, sua aquisição, o que foi feito após avaliação, em 1947. (Fonte: BARBOSA, Francisco de Assis. Cem anos de Lima Barreto . In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Lima Barreto , 1881-1922. Rio de Janeiro, 1981).
591	__ a Registros MSS: 55-583/1949 e 890/1949
600	__ a Barreto, Lima . d 1881-1922 x Correspondência
650	__ 4 a Literatura brasileira
700	1_ a Barreto, Lima . d 1881-1922
700	1_ a Barbosa, Francisco de Assis, d 1914-1991.
700	__ a Barreto, Evangelina de Lima
700	__ a Barreto, Eliezer de Lima Barreto
700	__ a Barreto, Carlindo de Lima
852	__ a Manuscritos
990	__ a Manuscrito - Guia

Fonte: Base de dados da FBN (2017)

Neste formato, são lidas algumas informações não disponíveis na aba “Detalhes” (Figura 8). Destaca-se aqui o campo 005 que mostra a data e hora da última atualização. São dezesseis caracteres que especificam a data e hora da última atualização do registro e que são gerados automaticamente. A data é registrada de acordo com a *Representation of Dates and Times* (ISO 8601): oito caracteres numéricos segundo o modelo aaaammdd (quatro para o ano, dois para o

mês e dois para o dia). Já a hora é armazenada de acordo com a norma ANSI X3.43 segundo o modelo hhmss.f (dois caracteres para a hora, dois para o minuto, dois para o segundo e dois para a fração de segundo incluindo o ponto decimal), seguindo o esquema 00-23¹⁷. Assim, entende-se que a última atualização feita nesta descrição ocorreu no dia 14 de julho de 2017 às 16h e 11min.

Outra informação importante que a aba “MARC Tags” permite ver são os subcampos *c*, *d* e *h* do campo 541(Nota de Fonte Imediata de Aquisição). Tais subcampos informam respectivamente a forma de aquisição, a data de aquisição e o preço da compra do acervo¹⁸. Desta maneira, observa-se que o arquivo Lima Barreto foi adquirido por compra realizada no dia 25 de outubro de 1947 pela quantia de CR\$ 24.000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros). O subcampo *a*, que pode ser visualizado nas duas abas analisadas, se refere à fonte de aquisição, no caso os três irmãos do escritor: Evangelina, Eliezer e Carlindo.

De acordo com Albuquerque (2006, p. 172), o tratamento documental se reflete no processo de catalogação e de descrição arquivística. Todavia, esta mesma autora pondera que, apesar de a AACR2 e a ISAD(G) terem áreas parecidas, a biblioteconomia é “extremamente sucinta em suas descrições” e a Arquivologia precisa de mais elementos contextuais. Isso se explica pelo fato dos documentos de arquivo seguirem regras de respeito à sua origem, necessitando serem contextualizados e relacionados dentro do acervo (ALBUQUERQUE, 2006, p. 174). Desta forma, é preciso compreender a importância do contexto de produção para os arquivos pessoais.

4.3 O CONTEXTO ARQUIVÍSTICO NOS ARQUIVOS PESSOAIS E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA ANALISADOS

É preciso frisar que, para trabalhar qualquer tipo de acervo arquivístico é de suma importância considerar-se o seu contexto. Nas palavras de Thomassen (2006, p. 10): “contexto arquivístico são todos os fatores ambientais que determinam como documentos são gerados, estruturados, administrados e interpretados”. Desta forma, é essencial compreender como um arquivo foi produzido, considerando-se também um contexto maior, determinado pelas condições sociais, políticas, culturais e

¹⁷ Disponível em: <<http://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/conteudo.html>>. Acesso em: 19 nov. 2017

¹⁸ Idem

econômicas. Thomassem (2006, p.11) irá ressaltar que os arquivos não podem ser corretamente interpretados sem o entendimento de seu contexto.

Os arquivos pessoais também se encontram dentro desta perspectiva. Ana Maria de Almeida Camargo irá abordar o conceito de contexto arquivístico nos arquivos pessoais, ou arquivos de pessoas, termo de preferência da autora. Destaca-se aqui, o respeito à *proveniência*¹⁹ e a primazia do contexto sobre o conteúdo, ou do valor probatório sobre o valor informativo (CAMARGO, 2009, p.28). Assim como Thomassem, Camargo irá pontuar como é fundamental a compreensão do contexto dos arquivos em detrimento a uma abordagem focada somente na informação, pois é o contexto que mostra as funções da unidade produtora, distinguindo-a de outros arquivos (CAMARGO, 2009, p. 30). A informação qualificada só é obtida quando compreendida dentro do contexto em que foi produzida. Isso é crucial para a arquivística, já que a relação entre a atividade e o documento que a comprova está no cerne da caracterização científica da área e é o que a diferencia das outras disciplinas (CAMARGO, 2009, p. 31).

Camargo (2009, p. 34) diferencia a estabilidade proporcionada pela abordagem contextual dos documentos dos pequenos resultados obtidos por um tratamento focado no conteúdo. No ambiente dos arquivos pessoais, por exemplo, as cartas pessoais podem nos dar maiores detalhes sobre a vida de um indivíduo, mas tais informações só serão corretamente interpretadas se consideradas as relações e interações vividas por esse indivíduo. Deste modo, os arquivos de pessoas devem ser tratados como arquivos, ou seja, devem ligar-se ao contexto em que foram produzidos, do contrário, perder-se-á a sua função probatória original, prejudicando todo o trabalho do pesquisador (CAMARGO, 2009, p. 36-37).

É necessário assegurar a manutenção do vínculo de estreita correspondência entre documentos e atividades do produtor para que este esteja devidamente representado (CAMARGO, 2009, p.34). Assim, segundo Fraiz (1998, p. 63) se o pesquisador puder recuperar de maneira global a lógica de um arquivo, conseguirá extrair dele muito mais informações.

Ao analisar o catálogo do arquivo Lima Barreto, conclui-se que este não foi construído pensando-se no contexto de produção dos documentos. Não é possível

¹⁹ Princípio básico da arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 136).

identificar as atividades que deram origem a estes documentos. Também não se percebe as interrelações entre estes documentos, já que estes estão ordenados em grandes séries sem demonstrar vínculos entre si. Deste modo, não se visualiza a organicidade deste acervo.

No que se refere ao manuscrito-guia, este aproxima-se mais do que é esperado no campo arquivístico em relação à descrição de um fundo. Para Oliveira (2010, p. 10) a descrição arquivística “envolve o pleno conhecimento não só de produção dos arquivos, dos vínculos arquivísticos, mas também do contexto histórico no qual o arquivo é produzido”. Sendo assim, o objetivo da descrição arquivística é a produção de conhecimento dos arquivos e acesso aos mesmos (OLIVEIRA, 2010, p.11). O manuscrito- guia expõe elementos como localização e tamanho do acervo, condições de reprodução, forma de aquisição, biografia do produtor, referência de outros instrumentos de pesquisa e história da procedência do acervo. Considerando esta perspectiva, é possível compreender como este arquivo foi construído, considerando o contexto histórico de seu produtor, as atividades deste ao longo de sua vida, as relações entre os documentos, possibilitando o acesso a este acervo.

É necessário, porém, pontuar que os instrumentos aqui analisados foram produzidos em uma biblioteca, e nesse sentido apresentam particularidades, próprias deste espaço. Deste modo, é preciso compreender a diferença entre um documento de arquivo e um documento de biblioteca. Mencionando Schellenberg, Cláudia Isabel Fernandes Filipe (2015, p.18) destaca que os documentos arquivísticos acham-se dotados de sentido coletivo, diferente dos documentos bibliográficos que possuem um caráter unitário, não estabelecendo relações com outros itens.

Analisando estes dois instrumentos, observa-se através do campo “Índice cum. e rem.” do manuscrito-guia (figura 15) que o catálogo organizado por Darcy Damasceno serviu de base para este segundo instrumento. Além disso, ainda que não se enquadrem nos critérios arquivísticos atuais, ambos têm viabilizado o acesso aos documentos pertencentes ao acervo do escritor ao longo dos anos, desempenhando o propósito de um instrumento de pesquisa acima citado. De acordo com Heloisa Bellotto (2006, p. 228) cabe “ao serviço de difusão cultural” de uma instituição produzir e “lançar elementos de dentro do arquivo para fora, procurando atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo”, nesse sentido,

percebe-se a importância destes instrumentos como atrativos de pesquisadores e interessados pela temática. Desta maneira, mesmo com toda problemática de se tratar um acervo arquivístico em uma biblioteca, o arquivo do escritor Lima Barreto tem sido acessado e pesquisado por usuários de diversas áreas do conhecimento, cumprindo assim a missão dos arquivos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do mesmo modo que instituições públicas e privadas, os indivíduos também produzem diversos tipos de documentos ao longo da sua vida. Assim nascem os arquivos pessoais, que refletem as atividades e funções do seu produtor. O arquivo de uma pessoa pode guardar desde suas relações com o Estado, produção profissional e intelectual, até documentos mais íntimos, como diários e correspondências particulares. Desta forma, tal como os arquivos institucionais, os arquivos pessoais também se constituem em fonte de diversas pesquisas e reflexões.

Partindo deste princípio, este trabalho teve como objeto de estudo o arquivo do escritor Lima Barreto. Este acervo tem sido amplamente estudado, sobretudo nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, devido à relevância da obra de seu produtor na sociedade brasileira. O fato de estar salvaguardado em uma biblioteca tornou a análise deste acervo ainda mais intrigante. Surgiram questões em relação à organização deste acervo, aos instrumentos de pesquisa produzidos e se estes refletiam o seu produtor.

Desta maneira, procedeu-se a uma leitura de textos que tratavam sobre os arquivos pessoais, sua trajetória na Arquivologia e suas especificidades. Verificou-se que os arquivos pessoais foram tardiamente reconhecidos como arquivos, sendo que por muito tempo considerados como acervos próprios de bibliotecas. Estas por sua vez, desempenharam e ainda desempenham um papel fundamental na preservação e difusão desses acervos, como é o caso da Biblioteca Nacional, custodiadora do arquivo Lima Barreto.

A biografia do escritor e a história de seu acervo foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho, pois a contextualização da produção de qualquer acervo arquivístico é essencial a sua compreensão. Nesta etapa do trabalho, uma situação até então desconhecida se destacou: a fragmentação do arquivo de Lima Barreto por parte de seu próprio biógrafo. Tal ocorrência gerou uma reflexão sobre a questão da dispersão dos fundos, que apesar de ser uma prática condenável para a Arquivologia, é algo muito comum nos arquivos pessoais.

No decorrer desta pesquisa, também foi preciso considerar que a perspectiva biblioteconômica sobre os acervos é distinta da concepção arquivística. Enquanto que o documento arquivístico só é compreendido se considerado em seu contexto

de produção e em suas relações com os outros documentos do arquivo, a visão biblioteconômica considera cada documento isoladamente, sem ligá-lo ao restante da documentação. Desta maneira, o tratamento de um acervo arquivístico em uma biblioteca poderá apresentar algumas complicações se analisado do ponto de vista da Arquivologia. Isto foi identificado principalmente no catálogo produzido para o arquivo de Lima Barreto, que contém a organização intelectual e física deste acervo. Tal organização não contempla a organicidade desse arquivo, já que não representa as atividades e funções de seu titular, tornando mais complicado a visualização do contexto de produção desses documentos.

O outro instrumento examinado neste trabalho foi o manuscrito-guia do arquivo Lima Barreto. Nele é possível acessar informações importantes sobre o acervo, como a história de seu produtor, a fonte de aquisição, a quantidade de documentos, dentre outras coisas. Esses aspectos presentes no manuscrito-guia, o aproximam do que se espera de uma descrição arquivística, cujo objetivo é dar acesso ao arquivo. Assim, ao pesquisar como este instrumento foi desenvolvido na Divisão de Manuscritos da FBN, descobriu-se o percurso delineado pelos seus servidores na descrição de documentos do setor. Nesta trajetória, elaborou-se uma combinação de uma norma de descrição bibliográfica já consagrada (AACR2) com a norma arquivística de descrição de documentos, a ISAD(G). Isto demonstra que é possível manter um diálogo entre Arquivologia e Biblioteconomia, que permitira a produção de novos saberes.

Consideramos que este trabalho pode contribuir para o desenvolvimento de aspectos aqui destacados que são de grande pertinência como: o caráter interdisciplinar dos arquivos pessoais e da própria Arquivologia, o tema da dispersão dos fundos arquivísticos, o arranjo e a descrição arquivística nos arquivos pessoais e a importância do acesso dos usuários às instituições custodiadoras de acervos arquivísticos. Especialmente, este trabalho contribui para uma maior reflexão sobre os arquivos pessoais, que ainda ocupam um lugar secundário no campo arquivístico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jorge Phelipe Lira de. **Existir em bits**: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística 2017. 162 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação Gestão de Documentos e Arquivos, Rio de Janeiro, 2017.

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **Catálogo e descrição de documentos fotográficos**: uma aproximação comparativa das normas AACR2 e ISAD (G). 2006. 197f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006.

ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v.105, Rio de Janeiro: A Biblioteca, 1985, p. 3-87. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=402630&pasta=ano%20198&pesq=>>. Acesso em 30 nov. 2017.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34,1998.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, A. H. Lima. **Marginália**. Prefácio: Agripino Grieco. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes**: Tratamento documental. Segunda edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Arquivos Pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 201-207, 1998.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Acervo digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>> Acesso em 18 nov. 2017.

_____. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BOTELHO, Denílson. **A Pátria que quisera ter era um mito**: o Rio de Janeiro e a Militância Literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas - Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002.

BRANDO, Daniele Cavaliere; MEREGE, Ana Lúcia. Arquivos privados na Biblioteca Nacional. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, n. 2, p. 58-71, jul-dez, 2009.

BRASIL. Procuradoria da República. **Glossário de termos de Biblioteconomia e Ciências Afins**. Palmas: PRTO, 2011. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/10765239/glossario-de-terminos-de-biblioteconomia-e-ciencias-afins>> Acesso em: 30 nov. 2017.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos Pessoais são Arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 2, p. 27-39, jul-dez, 2009.

CAMARGO, Áureo Joaquim. **A bagatelização da literatura de Lima Barreto**: análise do legado editorial do escritor. 2015. 184 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. São Paulo: FEBAB; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. Arquivos pessoais e patrimônio documental: análise dos critérios de seleção dos registros memória do mundo do Brasil - UNESCO. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2015, João Pessoa. Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2831/1248>>. Acesso em 30 nov. 2017.

DURANTI, Luciana. Origin and Development of the Concept of Archival Description. *Archivaria*, n. 35, p. 47–54, 1993.

FILIFE. Cláudia Isabel Fernandes. **Guia dos arquivos privados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ingressos de 1947 a 2014.** 2015. 254 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Anais da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/projeto-editorial/publicacoes-periodicas/anais-biblioteca-nacional>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

_____. Apresentação. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/apresentacao>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

_____. Histórico. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 21 nov. 2017

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p.121-127, 1998.

GONÇALVES, Martina Spohr. **De procedimentos à metodologia**: políticas de arranjo e descrição nos arquivos privados pessoais do CPDOC. Pós graduação em organização, planejamento e direção de arquivos. Universidade Federal Fluminense/Arquivo Nacional. Niterói/Rio de Janeiro. 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões. In: SEMINÁRIO CPDOC 35 ANOS: A Interdisciplinaridade nos estudos históricos. Rio de Janeiro: FGV, p. 1-10, 2008.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De arquivo pessoal a patrimônio nacional**: reflexões sobre a construção social do “legado” de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), IUPERJ, 2009a.

HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n.2 pp.40-57, jul-dez, 2009b.

HOBBS, Catherine. **Vislumbrando o pessoal**: reconstruindo traços de vida individual. In: Terry Eastwood e Heather MacNeil (organizadores). Correntes atuais do pensamento arquivístico. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2016.

LODOLINI, Elio. Arquivos e bibliotecas, realidades antitéticas. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 1, p. 137-149, jan-jun, 2015.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo**: elaboração de instrumentos de pesquisa / André Porto Ancona Lopez. - São Paulo. Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

MULLER, S.; FEITH, J.A.; FRUIN, R. Manual de arranjo e descrição de arquivos. Tradução de Manuel Adolpho Wanderley. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo dos arquivos pessoais**. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em

História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas ,Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de; MACÊDO, Patrícia Ladeira Penna; SOBRAL; Camila Campoi de. “Arquivos pessoais e intimidade: da aquisição ao acesso”. **Revista do Arquivo**, São Paulo, Ano II, nº 4, 2016.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

PUC – RIO. Divisão de Bibliotecas e Documentação. Disponível em: <<http://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/conteudo.html>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SALGADO, Daniel. Acervo Lima Barreto vira Memória do Mundo da Unesco. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/acervo-de-lima-barreto-vira-memoria-do-mundo-da-unesco-22004878>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

SANTA ANNA, Jorge; CAMPOS, Suelen de Oliveira; CALMON, Maria Aparecida de Mesquita. “Diferenças e semelhanças entre arquivos e bibliotecas: o profissional da informação em evidência”. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 29, n.1 pp. 95-113, 2015.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCHMIDT, Benito. Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisa. . **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.8, Rio de Janeiro: AGCRJ, p. 453-459, 2014.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Eliezer Pires da; MELO, Mariana Tavares de. A Dispersão de fundos de arquivos pessoais. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.10, Rio de Janeiro: AGCRJ, p. 91-102, 2016.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; TRANCOSO, Márcia Cristina Duarte. Produção documental de cientistas e a história da ciência: estudo tipológico em arquivos pessoais. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: COC/ Fiocruz, 2015, v. 22, n.3, p. 849-861.

SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. Arquivo e Memória: algumas reflexões. **Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo**, v.9. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

SOPHIA BIBLIOTECA. Terminal web da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em: 18 nov. 2017

SOPHIA PORTAL. Sobre o Sophia Biblioteca. Disponível em: <<http://www.portalsophia.com.br/SobreBiblioteca.aspx>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Do catálogo impresso ao on-line: algumas considerações e desafios para o bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis: ACB**, v.17, n.1, p. 59-75, jan./jun., 2012.

THOMASSEM, Theo, Uma primeira introdução à arquivologia. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro: AAB, v. 5, n. 1, p. 5-16, 2006.

UNESCO. Representação da Unesco no Brasil. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/documentary-heritage/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.